

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

maio-junho de 2012



Exemplar avulso: R\$ 10,80

Unidade na diversidade

Como a igreja apostólica superou o perigo de sua divisão

AS SETE TROMBETAS DO APOCALIPSE

Entenda as várias interpretações dessa profecia



A relevância do culto, p. 9

O ancião ontem e hoje, p. 24



Caro pastor

Dou sempre graças a Deus por você, por causa da graça que Ele lhe dispensou em Cristo Jesus. Nele, você foi enriquecido, em toda a palavra e no conhecimento. Tenho ouvido de sua fé em Cristo e do amor que você tem por todos os santos. Alegro-me em ver quão ordeiro você é e quão firme é sua fé em Cristo. Tenho grande confiança em você e sou grato porque posso ter essa confiança. Orgulho-me de você e não tenho sido decepcionado.

Lembre-se de que Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios. Escolheu as coisas fracas para envergonhar as fortes. Deus é capaz de tornar a graça abundante em você, de modo que em todas as coisas, em todo o tempo, você possa ser abundante em toda boa obra. Ele pode fazer muito mais do que pedimos ou pensamos, de acordo com Seu poder que opera em nós, pois tendo começado em você a boa obra, há de completá-la até o dia de Jesus Cristo.

Você é criação de Deus e não pertence a si mesmo. Foi comprado por preço. É uma carta aberta, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas do coração humano.

Deus o fez para cumprir Seu propósito e, para isso, lhe deu o Espírito como um tesouro, garantindo seu futuro. Portanto, seja sempre confiante. Siga o caminho do amor e busque zelosamente os dons espirituais para crescimento da igreja. Não negligencie o dom que lhe foi dado. Não se esqueça do fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Em todas as minhas orações, sempre oro com alegria por causa de sua parceria no evangelho. Que seu amor seja mais e mais abundante em conhecimento e profundo discernimento, de modo que você seja capaz de discernir o que é melhor, ser puro e inculpável até o dia de Cristo. Oro para que, pelas riquezas de Sua glória, Deus o fortaleça com o poder do Espírito, de modo que, pela fé, Cristo habite em seu coração.

Não se conforme com este mundo, mas seja transformado pela renovação da mente. Então, você experimentará a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Mantenha todo o seu ser: espírito, alma e corpo irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Lembre-se de que, numa corrida, muitos correm, mas apenas um leva o prêmio. Corra de tal maneira que seja premiado. Assim, quer você coma, beba ou faça qualquer outra coisa, faça tudo para a glória de Deus. Permaneça firme, sempre abundante na obra do Senhor, porque, nEle, seu trabalho não é vão.

Conforme você aprendeu, com respeito ao antigo modo de viver, desvista-se do velho “eu” corrompido pelos desejos enganosos, e revista-se do novo “eu”, criado para ser semelhante a Deus em verdadeira justiça e santidade. Seja imitador dEle. Conduza-se de modo digno do evangelho de Cristo. Alegre-se sempre, ore sem cessar. Em tudo, dê graças, pois essa é a vontade de Deus em Cristo Jesus.

Busque a justiça, piedade, fé, amor, perseverança e mansidão. Combata o bom combate da fé. Procure se apresentar a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja bem a

palavra da verdade. Seja forte na graça e no poder de Cristo. Revista-se de toda a armadura de Deus, para poder ficar firme contra as ciladas do diabo.

Considerando que, agora, você está livre do pecado e é servo de Deus, você é mais que vencedor por meio dAquele que o amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.

Graças a Deus que, por meio de Cristo Jesus, nos dá a vitória!

Afetuosamente,
Paulo ✍

*Uma carta do
apóstolo Paulo
enviada para você*

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos Santos

Ilustração da Capa:

Carlos Seribelli

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;
Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel
Marin; Edilson Valiante; Geovane Souza;
Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú
Caetano; Leonino Santiago; Luiz Martinez;
Moisés M. Silva; Nelson Suci; Salomón
Arana; Samuel Jara.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

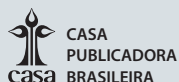
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 52,10

Exemplar Avulso: R\$ 10,80



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer
meio, sem prévia autorização escrita do
autor e da Editora.



O quarteto e a igreja

Desde o fim dos anos sessenta até o período no Seminário, tive o privilégio de cantar em ótimos quartetos. O primeiro deles, na igreja central de Feira de Santana, BA. Ainda no início da minha juventude, eu era duplamente baixo: no tom de voz e também na estatura física, além de ser magricela. Talvez por isso, havia pessoas que, no fim de algumas apresentações, dirigiam-se ao primeiro tenor, o mais robusto do grupo (os outros dois tinham constituição física média), elogiando-o pelo “eficiente baixo” que, na opinião delas, era ele.

Aquelas pessoas não conseguiam destacar individualmente quem cantava qual voz. Certamente, admiravam a boa música, porém sendo leigas, talvez pensassem: “O magricela não pode ser o dono da voz grave; o mais robusto, sim.” Embora fosse leiga, e divertida para nós, essa observação nos dava a sensação de que estávamos crescendo no item harmonia (o que, aliás, era confirmado por maestros que nos ouviam). Sabiam que havia quatro vozes diferentes, mas ouviam apenas um conjunto. Aqui está um fato que pode muito bem ser projetado na vida eclesiástica.

Na harmonia musical, encontramos um símbolo da unidade que a igreja deve experimentar. De fato, o caminho pelo qual se chega à primeira contém lições aplicáveis à busca da segunda. A primeira lição é a aceitação da individualidade do nosso semelhante. É na fusão perfeita dos diferentes tons que a beleza musical é realçada. Não há imposição de um tom sobre outro, nem rejeição de um em favor de outro. Todos são necessários. Assim deve ser na igreja. Deus não nos criou diferentes para que nos repelíssemos, mas para que nos completássemos.

A segunda lição é a necessidade de perseverante empenho na busca da unidade. A formação de um bom conjunto musical exige que os cantores exercitem muitas vezes, adaptando-se, corrigindo erros, eliminando distorções, vigiando para que ninguém sobressaia aos demais. Semelhantemente, na igreja, precisamos exercitar humildade para descartar caprichos e objetivos egoístas, projetos individuais, se é que desejamos vivenciar a unidade pela qual Cristo orou (Jo 17:21).

A última lição: Inicialmente, nosso quarteto não tinha pianista. Ouvindo antigos LPs, cada um de nós devia captar a tonalidade respectiva e isso, às vezes, gerava alguma tensão. Certo dia, nosso pastor (Plácido Rocha Pita) trouxe a notícia de que havia conseguido a pianista de uma igreja evangélica da cidade para nos ajudar. Então, tudo ficou mais fácil. De igual forma, a busca de unidade da igreja será penosa, enquanto nos limitarmos ao emprego de nossos deficientes recursos individuais. Precisamos do grande Maestro. Com Seu toque, Ele fará os ajustes necessários a personalidades tão desafinadas como as nossas, e verá satisfeito Seu desejo de que todos nós sejamos “um”. ■

Zinaldo A. Santos

9 A RELEVÂNCIA DO CULTO

O que realmente significa adorar em espírito e em verdade.

12 ESCOLHAS PASTORAIS

Embora enfrente provas e dificuldades, o pastor não precisa sucumbir a elas.

14 UNIDADE NA DIVERSIDADE

Como a igreja primitiva superou o perigo de sua divisão.



Ilustração: Carlos Serbelli

17 AS SETE TROMBETAS DO APOCALIPSE

Análise das várias interpretações de uma profecia difícil.

21 O ESPÍRITO EM MINHA VIDA

Última parte de um artigo sobre as condições para recebimento do Espírito Santo.

24 O ANCIÃO ONTEM E HOJE

Dicas para formação e treinamento de copastores.

26 JESUS E O ESPÍRITO SANTO

Segunda parte da resposta ao argumento de que Eles são uma única Pessoa.

29 POR QUE DEUS É TÃO INCOMPREENDIDO?

Autor apresenta armas que garantem nossa vitória no grande conflito.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

33 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

*“Há no evangelho
essência e cerne.
Jesus é o centro vivo
de todas as coisas.
Introduzam Cristo em
todo sermão. Demorem-
se na preciosidade,
misericórdia e
glória de Jesus Cristo;
pois Cristo formado no
íntimo é a esperança
da glória.”*

Ellen G. White

Lições de uma vida

“Cristo é o protagonista do pastorado. Ele é ‘o mesmo ontem, hoje e eternamente’”

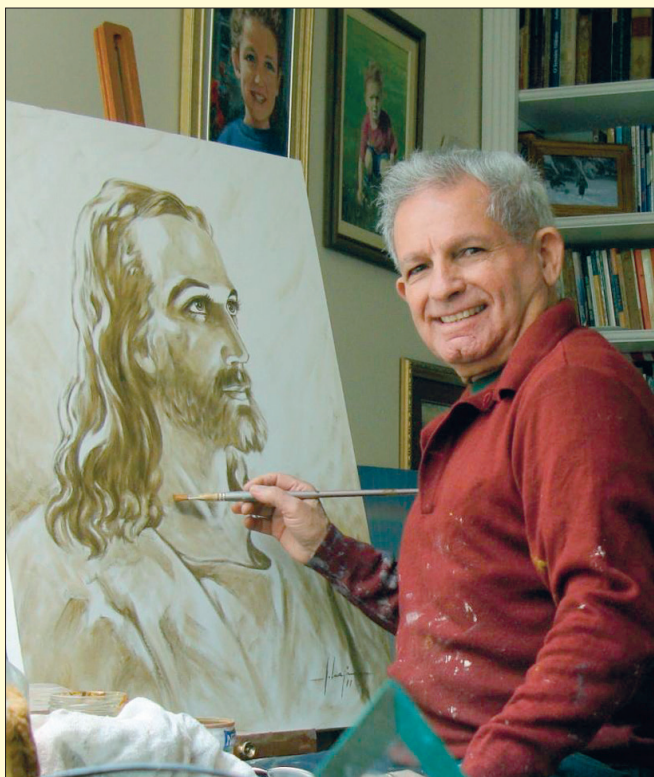


Foto: Gentileza do entrevistado

por Márcio Nastrini

O pastor José Irajá da Costa e Silva nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, há 73 anos. Tendo o pai como professor, fez o antigo curso primário na Escola Adventista de Caruaru, Pernambuco, onde também fez o ginásio no Instituto Batista. Coursou o segundo grau (científico) em Fortaleza, e Faculdade de Teologia no extinto Educandário Nordestino Adventista, ENA, em Belém de Maria, PE. Tem créditos de mestrado em Arqueologia, feito em Jerusalém, Israel, e Unasp, campus de São Paulo, além da formação em Artes Plásticas e Comunicação. Sua

folha de serviços prestados à Causa de Deus inclui pastorado de igrejas no nordeste brasileiro (João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, e Recife, PE), Maringá, PR, Brooklin na capital paulista, central de Curitiba e igreja luso-brasileira de Nova York, diretor do departamento de Jovens Adventistas no Paraná, diretor-produtor do programa Encontro com a Vida e diretor de Comunicação da Divisão Sul-Americana.

Do casamento com Itacy Bessa da Costa e Silva, nasceram três filhos: Ináyra e Irlacy casadas com pastores, e Irlan, falecido nos Estados Unidos.

Nesta entrevista, ele fala de sua rica experiência pastoral.

Ministério: Quando e como o senhor tomou a decisão de seguir a carreira pastoral?

Irajá: Desde a adolescência, meu objetivo era ser médico. Terminado o Ensino Médio, prestei o exame vestibular, mas fui reprovado. Esse fato e o incentivo de meu irmão (também pastor) me fizeram entender que Deus tinha outros planos para mim. Então, fui para a Faculdade de Teologia no antigo ENA, em Pernambuco.

Ministério: *O senhor também desenvolveu dons artísticos, como desenho, pintura, cenografia, fotografia, entre outros. De que maneira os empregou no ministério?*

Irajá: O dom da pintura foi legado de minha mãe. Durante o tempo de pastorado ativo, sempre fui solicitado a pintar batistérios e montar cenários para congressos. Trabalhei durante três anos no Centro Educacional Ilustrado, quando fiz curso na Escola Panamericana de Artes e recebi convite para ser professor. Evidentemente, recusei. Tive a oportunidade de desenhar os slides das séries evangelísticas proféticas, Seminário do Apocalipse, Encontro com a Vida, além das histórias bíblicas infantis sobre José, Daniel e Ester, Milagres da Fé, para o evangelismo da Semana Santa, entre outros trabalhos. Montei inúmeros cenários e destaque o cenário do local em que o pastor Bullón realizou sua campanha de evangelismo em Nova York, no famoso Time Square Garden, e também o do Concílio Ministerial da Associação Geral, em Toronto, Canadá, painéis da vinda de Jesus em fachadas nas igrejas luso-brasileira do Queens, e hispana de Corona, ambas em Nova York.

Ministério: *Foram quase 15 anos de pastorado naquela metrópole. O que significou isso para o senhor?*

Irajá: A liderança da Igreja Adventista nos Estados Unidos costuma chamar pastores para trabalhar entre comunidades étnicas específicas. Na região de Nova York, quando lá chegamos, havia igrejas de 19 idiomas diferentes. Fomos chamados para liderar a igreja luso-brasileira. Posteriormente, foram criadas mais duas congregações. Lá, se existir afinidade interativa entre pastor e igreja, o pastor pode ficar muitos anos na mesma igreja. Fiquei até completar 14 anos de trabalho, porque com 40 anos de ministério precisamos retornar ao Brasil, para que pudéssemos cuidar dos pais da espo-

sa (pastor José Bessa e esposa). Viver nos Estados Unidos, para cuidar de uma igreja da minha nacionalidade, na “capital do mundo”, foi uma experiência singular. Para a família, não houve grandes dificuldades de adaptação. Minha esposa trabalhava como *babby sitter*, mas também se dedicava intensamente à igreja. Os dois filhos que nos acompanharam (a primogênita, Ináyra, ficou no Brasil) estavam em nível superior de educação e se desenvolveram muito bem, sendo ativos na igreja e realizados profissionalmente.

“Estamos na era da internet, da informação velocíssima. Mas nunca devemos minimizar o trabalho pessoal”

Ministério: *O que o senhor diz da ação missionária da igreja em Nova York?*

Irajá: O incentivo maior é para o contato pessoal. Brasileiros e portugueses que vivem naquela cidade valorizam muito os encontros sociais, superando assim a saudade da pátria de origem. Nossos irmãos vêm de mais dois estados vizinhos: New Jersey e Connecticut. Para eles, a igreja é como um oásis na aridez da terra estranha. Realizávamos o almoço comunitário cada sábado, com uma grande mesa identificada com a placa “mesa missionária”, na qual se reuniam visitantes e interessados. Após o almoço, tínhamos então a classe batismal. A programação evangelística do ano incluía eventos e cultos em datas especiais. Por exemplo, havia o chá comemorativo de algum bebê que estava prestes a nascer, realizado especialmente para mães não adventistas. No dia 7 de setembro, participávamos com um *stand* na festa do Brasil, disponibilizávamos ao público a Van médico-missionária da Associação, e aproveitávamos para distribuir literatura.

Ministério: *Há grande interesse para conquistarmos as grandes metrópoles aqui na América do Sul. Que sugestões o senhor daria nesse sentido?*

Irajá: Nossas igrejas estão crescendo e se multiplicando nas grandes cidades. Isso é notável. Porém, acredito que o melhor método evangelístico para alcançar essas comunidades é o trabalho pessoal; é a estratégia que mais agrega. Inegavelmente, o mundo mudou. Estamos na era da internet, da informação velocíssima, instantânea. O evangelho eterno está, literalmente, voando pelo meio do céu, mas nunca devemos minimizar o trabalho pessoal. Falando do trabalho que o pastor deve realizar nas grandes cidades, Ellen G. White disse: “Nas cidades da atualidade, onde há tantos atrativos e divertimentos, o povo não se interessará em simples esforços. Os pastores designados por Deus acharão necessário empregar esforços extraordinários, a fim de atrair a atenção de multidões. E quando têm bom êxito em congregar grande número de pessoas, devem apresentar mensagens fora do comum para que o povo seja despertado e advertido. Precisam fazer uso de todos os meios possíveis, para que a verdade seja proclamada de modo especial e nítido... de modo tão positivo, que impressione vivamente os ouvintes e os induza a querer estudar as Escrituras” (Evangelismo, p. 40, 41). Assim, existem outros métodos eficazes para evangelização, e são esses que exigem não somente simples, mas “extraordinários esforços” para pregar, com inovação, as boas-novas da salvação pela fé em Cristo Jesus.

Ministério: *Como foram seus dias de pioneirismo na comunicação adventista no Brasil?*

Irajá: No início de 1981, por iniciativa do pastor João Wolff, então presidente da Divisão Sul-Americana, foi realizada em Curitiba, PR, uma reunião com um grupo de pes-

soas, incluindo experientes comunicadores, para estudar a criação de um programa nacional de televisão. Naquela ocasião, eu era pastor da igreja central local e estudava Comunicação na Universidade Federal do Paraná. Tive meu nome sugerido para ser o diretor-produtor do programa. Inicialmente, recusei o convite. Porém, meses depois, o chamado foi reafirmado e decidi aceitar com a condição de que o programa fosse produzido em Curitiba, para que eu pudesse contar com a consagração, a experiência e a técnica do experiente comunicador, irmão Elon Garcia. Era um programa de cinco minutos, para ser veiculado diariamente, apresentado por diversos oradores que abordavam temas de saúde, família, educação e bíblicos. No fim, uma apresentação musical e o oferecimento do curso bíblico com o nome do programa. Com o passar do tempo, foi mais conveniente a utilização de apenas um orador, Roberto Conrad Filho, que também era orador de A Voz da Profecia. Os programas eram gravados nos estúdios da antiga Rede Manchete, sob a direção de Elon Garcia, depois adquirimos uma câmera e adaptamos a sala de nossa casa como estúdio. Mais tarde foi montado um estúdio próprio e equipamentos foram adquiridos nos Estados Unidos, com a ajuda do Dr. Milton Afonso. Tínhamos duas câmeras, ilha de edição completa e telepromter. Foi o primeiro estúdio de TV adventista no Brasil e a inauguração contou com a presença do pastor Neal Wilson, então presidente mundial da Igreja. Durante alguns anos, o programa foi transmitido via satélite, em rede nacional, pela Rede Bandeirantes, e também pela Rede Globo (RBS) nos três estados do sul do Brasil. Para as outras regiões, enviávamos cópias dos programas. Faziam parte da equipe a secretária Itacy (minha esposa), os técnicos Osny Albanus, câmera, Alexandre Ostrovski, que veio da rede Globo,

Irlan (meu filho) e Rodrigo Henrique, na edição e direção técnica do estúdio. Posteriormente, chamamos Jonatan Conceição, para ser assistente de produção que, posteriormente trabalhou na nossa TV Novo Tempo e, atualmente, é o gerente de produção do Hope Channel, na Ucrânia. Fazíamos muitas matérias externas e gravávamos programas em terras bíblicas, como Israel, Egito e ilha de Patmos. Os programas Fé Para Hoje, com o pastor Alcides Campolongo, Gotas de Fé, com o pastor Anísio Chagas, além de vários outros documentários foram também produzidos naquele estúdio. Foi um grande privilégio trabalhar nove anos (1981-1990) nesse ministério. De Curitiba, o estúdio foi para Nova Friburgo, RJ. Hoje, temos a grande TV Novo Tempo instalada em Jacareí, SP, e também seu centro de produção na Bolívia.

Ministério: *Quais foram as atividades que lhe deram maior sentido de realização pessoal?*

Irajá: Indubitavelmente, as atividades do pastorado distrital. É algo simplesmente incomparável trabalhar com o rebanho composto de famílias, crianças, jovens adultos e idosos, todos com a missão de se tornar um povo preparado para a breve segunda vinda do Salvador. Em termos de desafio relacionado ao estabelecimento de uma igreja, cito a construção do templo luso-brasileiro de Nova York. Ao chegarmos àquela cidade, o presidente da Associação me disse: “Irajá, sei que vocês, brasileiros, gostam de construir igrejas, mas aqui em Nova York isso não é possível. Desista, porque não mais existem terrenos.” Porém, Deus nos mostrou um ótimo terreno, que foi adquirido também com a ajuda do Dr. Milton Afonso. Depois, esse terreno foi vendido para uma senhora chinesa que nos ofereceu ótimo preço, o que nos deu um lucro de 300 mil

dólares. Outro terreno foi adquirido e nele foi construído um lindo templo para 500 pessoas. Deixamos a construção em fase de conclusão, e o pastor Cláudio Vilela, nosso substituto, fez a inauguração. Fazia trinta anos que não se construía um templo em Nova York.

“É algo incomparável trabalhar com pessoas, preparando-as para a breve segunda vinda de Jesus”

Ministério: *Como o senhor se sente, estando jubilado?*

Irajá: A jubilação faz parte da vida e do ministério. Graças a Deus, continuo ministerialmente ativo. Mas agora tenho mais tempo para me dedicar à pintura artística. Recentemente, aos 72 anos, pintei a óleo o Mural da Esperança cena da vinda de Jesus (12m x 10m), em 40 dias, subindo e descendo várias vezes ao dia 51 degraus de andaimes na igreja central de Curitiba. Continuo recebendo encomendas para pintar murais em diversas igrejas. Também faço doutorado em “vovologia”, dedicando mais tempo aos cinco netos que Deus nos deu.

Ministério: *Um conselho para o pastor do século 21.*

Irajá: Fazer de Cristo o protagonista do pastorado. Ele “é o mesmo, ontem, hoje e eternamente” (Hb 13:8). Pregar sermões bem preparados, sob a inspiração do Espírito Santo, fazer da igreja um lugar de reuniões bem elaboradas, atrativas, com a participação de crianças e jovens, mostrar a beleza da vida cristã. Mostrar que existe algo melhor que a busca do secularismo, que vale a pena adorar e servir ao Deus que nos ama e que logo Se manifestará para buscar Seu povo. ■



Em busca de identidade

Somos criaturas e filhos de Deus, não do mundo.

Nossa bússola é a Palavra de Deus, não a mídia nem o sistema

O sonho mais antigo do ser humano é o da liberdade. Desejamos ser livres dos problemas, das pressões e das imposições sociais. Mais cedo ou mais tarde, descobrimos que, de algum modo, fomos feitos escravos de uma sociedade que nos dita seus gostos, opiniões e preferências.

A filosofia dominante, que dita regras em nossa sociedade, não respeita valores cristãos. Por isso há dificuldades em conciliar os desejos que essa sociedade desperta em nós com o estilo de vida proposto pela Escritura. Principalmente na atualidade, em que a forte secularização tem se revelado um grande problema.

O dilema cristão

Em princípio, a identidade do cristão é contrária à da sociedade secularizada dominante. Entretanto, não é preciso pesquisar muito a fim de percebermos que existe grande semelhança entre os ideais de vida do cristão moderno e os ideais daqueles que nada têm que ver com a essência do cristianismo. Quase não se vê diferença entre os sonhos de sucesso do cristão e os sonhos, vontades e opiniões de qualquer outra pessoa. Parece que a identidade dos dois grupos se mistura massivamente.

Todos os dias, somos bombardeados por apelos consumistas, não apenas de produtos – comida, roupa, música, filmes – mas principalmente de ideias e filosofias. Os produtos dessa sociedade tendem a influenciar sutilmente e transformar nosso comportamento. Isso nos leva à conclusão de que, se nossos atos são determinados, nossa vontade, fala e filosofia de vida também são. Pensando dessa forma, os estudiosos desse assunto parecem ter razão: Transformamos-nos em joguetes escravizados e manipuláveis pela mídia.

Diante disso, o filho de Deus vive um dilema: Como ter e preservar a identidade cristã neste mundo?

Quando vivemos controlados pelas vozes do mundo, sua determinação é tão forte que elas chegam a ditar até mesmo o que devemos pensar acerca dos outros e de nós mesmos. Essa é a porta de entrada para uma vida em crise, guiada por minhas falsas opiniões e pelas

opiniões deste mundo que está longe de Deus. Portanto, a confiança do cristão deve estar fundamentada no que Deus pensa a respeito dele.

Embora parte da nossa consciência seja coletiva, fruto de uma determinada cultura, isso não significa que devamos viver distantes de Deus, confusos e sem identidade. Em Sua oração sacerdotal, Cristo pediu ao Pai: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17:15).

O problema não é termos que viver neste mundo. O problema é a opção de rejeitar os valores bíblicos, deixando-nos levar pelo discurso dominante, sem reflexão crítica e atitude proativa. Não podemos ficar descuidados um momento sequer; pois, indubitavelmente, o inimigo usa o sistema dominante em nossa sociedade para nos impor seus enganos.

Verdade que liberta

Essa é uma situação preocupante, mas não é desesperadora. Quando esteve na Terra, Cristo foi perfeitamente equilibrado e coerente com os valores e princípios bíblicos, mesmo vivendo em uma sociedade afastada desses valores. Ele era consciente de Sua filiação divina, missão e objetivo de vida. Em nenhum momento Sua vida esteve fora de foco, Suas ações jamais discordaram de Seus princípios.

Hoje, nosso desafio é ser semelhantes a Jesus. Somos criaturas e filhos de Deus, não do mundo. Nossa bússola é a Palavra de Deus, não a mídia nem o sistema. Nossa missão é testemunhar; nosso objetivo de vida é a eternidade com Deus. Qualquer coisa que estiver fora desse conjunto não deve fazer parte das prioridades de nossa vida.

Encontrar a identidade pessoal é indispensável, para que tenhamos mente equilibrada e sadia. Essa identidade somente pode ser descoberta e solidificada quando a pessoa assume, de fato, seus princípios e valores. Ter identidade significa ser livre, e a Bíblia fecha o tema com as maravilhosas palavras de Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). ▀



Professor no Seminário Teológico de Erskine, Carolina do Sul, Estados Unidos

ADORAÇÃO

A relevância do culto

Podemos estar na igreja cada semana e desagradar a Deus, ao substituímos o foco pela forma de nosso louvor. Lembre-se: A grande questão não é “onde”, mas “como” adoramos

Em Seu diálogo com a mulher Samaritana, ao falar sobre adoração, Jesus disse: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores O adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:23, 24). Adoração é uma das mais importantes práticas cristãs. Nascemos para adorar.

Assim, sendo tão importante a adoração, é inevitável que nos deparemos com esta pergunta: “Como podemos aprender a exercitá-la corretamente, como cultuar o Senhor em espírito e em verdade?”

Reconhecimento

O primeiro prerequisite para o culto que verdadeiramente glorifica a Deus é o reconhecimento dEle. Davi

demonstrou esse reconhecimento, quando escreveu: “Tu és o meu Deus; graças te darei! Ó meu Deus, eu te exaltarei! Deem graças ao Senhor, porque Ele é bom; o Seu amor dura para sempre” (Sl 118:28, 29, NVI).

Reconhecimento de quem é Deus, o que Ele tem feito por nós e o que está fazendo em nós, essa é a primeira parte do verdadeiro culto. Prestar adoração ou culto não é algo que diga respeito a mim ou a você, mas a Deus. Também não é algo simplesmente restrito a nos entreter ou nos fazer sentir bem. Adorar a Deus tem que ver, primeiramente, com Seus maravilhosos feitos em nosso favor. Assim, o Senhor, e ninguém mais, deve ser o foco de nosso culto. Enquanto não compreendermos esse conceito, não entenderemos o culto nem desejaremos cultuar apropriadamente.

Entrega

O culto não deve ser considerado um evento apenas para observação. Algumas pessoas vão à igreja simplesmente para cantar ou saborear o sermão. Dificilmente isso pode ser definido como louvor. Adoração não é simplesmente reconhecermos a Deus, mas entregar-nos completamente a Ele. Cristo disse: “Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me” (Mt 16:24). Ele nos chama a renunciar a todas as coisas, a fim de adorá-Lo e servi-Lo. O culto que glorifica a Deus nos chama a um abandono sem reservas de nós mesmos, nossos próprios desejos, para que encontremos o Cristo vivo.

Ao você ir à igreja, está procurando um profundo relacionamento com Deus ou está preocupado com as atividades do dia e da semana seguinte? O verdadeiro culto nos

chama a abandonar nossas preferências e agendas, para que possamos nos render à vontade do Senhor.

Culto contemporâneo

“O Senhor, porém, está em Seu santo templo; cale-se diante dEle toda a Terra” (Hc 2:20).

A razão pela qual a Terra deve ficar silente é porque, assim, ela pode ouvir o que Deus tem a dizer. Portanto, o culto que glorifica ao Senhor envolve prestar atenção à voz dEle em oposição à voz de nossas opiniões. Nesse ponto, há grande confusão relacionada à questão do culto.

O culto que glorifica a Deus sempre é contemporâneo. A palavra “contemporâneo” é muito mencionada entre nós e, em sua essência, significa “do momento”. Assim, essa palavra não está limitada ao estilo de música utilizada no culto, mas envolve a santa presença de Deus. É possível alguém cantar os mais recentes cânticos e não ser contemporâneo, assim como também é possível cantar os hinos que a igreja canta há mais de cem anos e ser contemporâneo.

A questão não é a respeito de quando nem por quem nossa música foi composta, mas se estamos cantando ou não na presença de Deus no momento em que cantamos. No seu âmago, o culto que glorifica a Deus é o coração humano abrindo-se para amar a Deus, o Pai, em nome do Seu Filho e capacitado pelo Espírito Santo.

A quem adoramos?

O Deus da Bíblia é indivisível, algo incompreensível, e jamais pode ser plenamente definido em meras frases humanas. Entretanto, na própria Bíblia, a Palavra de Deus, Ele Se tem revelado de modo que possamos chegar a conhecê-Lo melhor. Aqui estão seis maneiras pelas quais Ele descreve a Si mesmo, em Sua Palavra:

Primeiramente, Deus é luz. Por causa da nossa natureza pecaminosa, geralmente somos fechados e reticentes. Como Judas e o Sinédrio, algumas vezes nós nos reunimos em

lugares escuros para tramar desprezíveis atos, mas “esta é a mensagem que dEle ouvimos e transmitimos a vocês: Deus é luz; nEle não há treva alguma” (1Jo 1:5).

Em segundo lugar, Deus é vida. “O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2:7). Tendo vida em Si mesmo, Ele a partilhou conosco. Quando chegaram ao sepulcro vazio para ungir o corpo de Jesus, as mulheres ouviram: “Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito” (Mt 28:6). No livro de Apocalipse, Ele Se apresentou a João, na ilha de Patmos: “Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. Sou Aquele que vive. Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre!” (Ap 1:17, 18). O Deus a quem adoramos vive hoje! O que torna o culto “contemporâneo” não é o que nós fazemos, mas a presença do Deus vivo. Se Ele não estiver presente, não haverá adoração.

Em terceiro lugar, Deus é amor. A Bíblia não deixa margem para incompreensões a esse respeito: “Deus é amor” (1Jo 4:8). Assim, no culto em cujo centro está a glorificação de Deus, “nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4:19). Qual é a razão disso? De acordo com a Bíblia, o culto não tem início em nosso amor por Deus, mas em Seu amor por nós. É nossa resposta ao Seu amor. “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças” (Mc 12:30). Assim, glorificamos a Deus em adoração, porque Ele é luz, vida e amor.

Em quarto lugar, adoramos a Deus porque Ele é o criador. “A Terra, porém, estava sem forma e vazia” (Gn 1:2). Então, Deus falou e o mundo foi criado. “Pela fé entendemos que o Universo foi formado pela Palavra de Deus, de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é visível” (Hb 11:3). O evangelho nos lembra de que esse Deus pode tomar um pecador centralizado no eu e transformá-lo em um santo centralizado em Cristo.

“Se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2Co 5:17). O fato de termos sido recriados apenas por Sua graça é, em si mesmo, razão suficiente para adorá-Lo “em espírito e em verdade”.

Em quinto lugar, Deus merece nossa adoração porque Ele fez um concerto pelo qual somos conduzidos em parceria com Ele. Esse concerto envolve uma escolha com base na graça. “Saibam, portanto, que o Senhor, o seu Deus, é Deus; Ele é o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade por mil gerações daqueles que O amam e obedecem aos Seus mandamentos” (Dt 7:9). Consequentemente, esse concerto inclui a responsabilidade de amá-Lo e guardar Seus mandamentos.

A sexta razão pela qual adoramos a Deus é o Calvário. “Deus tanto amou o mundo que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo o que nEle crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). O Calvário continua como a primária evidência de quão seriamente Deus considera as promessas de Seu concerto. Quando contemplamos a cruz sobre a qual o Príncipe da glória morreu, não podemos fazer menos que nos curvar diante dEle num louvor que O glorificará.

Como adoramos?

Certa vez, ouvi um pregador dizer que muito mais “santa bobagem” tem sido escrita e falada sobre o culto cristão nas últimas duas décadas do que nos 20 séculos anteriores. Embora eu não tivesse escolhido suas palavras, identifique-me com seus sentimentos. Isso porque devemos reconhecer a importância de retornar à Bíblia em busca de instrução sobre o culto. A adoração que não está fundamentada na Bíblia não glorifica a Deus; portanto, não pode ser definida como adoração.

Em um dos Seus mais relevantes encontros, Jesus dialogou com uma mulher samaritana que suscitou a questão do culto. “Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês,

judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar'. Jesus declarou: 'Creia em Mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade'" (Jo 4:20-24).

Ali estava uma mulher cujo senso de adoração gravitava em torno do lugar: "Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar." Jesus disse a ela que o culto não focaliza o lugar mas o espírito: "os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade." Adoração não está limitada à localização, mas envolve senhorio.

O profeta Amós também falou diretamente sobre esse tema: "Eu odeio e desprezo as suas festas religiosas; não suporto as suas assembleias solenes... Afastem de Mim o som das suas canções e a música das suas liras" (Am 5:21, 23). O culto insensível, vazio, autocêntrico, meramente por impulso, tributado pelo povo, desagradava a Deus e Ele usou o profeta para advertir àqueles pretensos adoradores. Semelhantemente, muitos hoje associam o culto, primariamente, com o simples fato de ir à igreja, como faziam os judeus indo a Jerusalém. Porém, Jesus disse que o culto transcende qualquer tempo ou espaço específico. Somos chamados a adorar ao Pai durante 24 horas por dia, santificando toda atividade, palavra e pensamento, como expressão de nosso amor a Deus.

Em espírito e em verdade

Cada mês, Deke Copenhaver, prefeito de Augusta, Geórgia, realiza um café da manhã de oração, no qual reúne o povo a fim de orar por ele e

pela cidade. É franqueado a toda pessoa. Certo dia, depois de um desses encontros, um homem perguntou a outro: "A qual igreja você vai?" A resposta chamou a atenção: "Não vou", ele disse, segurando a mão da esposa e acrescentando: "Nossa vida é nossa igreja." "Bem", replicou o inquiridor, "sempre se começa indo à igreja." Nesse ponto, a esposa do outro homem interferiu: "Nós costumávamos ir à igreja, mas quantas vezes ficamos feridos!" Seguiu-se o silêncio.

"Somos chamados a adorar o Pai durante 24 horas por dia, santificando toda atividade, palavra e pensamento, como expressão do nosso amor a Deus"

Ali estava um casal que, por alguma razão, havia deixado a igreja. Talvez, você conheça alguém a quem possa identificar com a mesma experiência. A realidade é que Deus pode e deve ser adorado dentro e fora da igreja. Podemos estar na igreja cada semana e desagradar a Deus, ao substituímos o foco pela forma de nosso louvor. Lembre-se: A grande questão do culto não é "onde", mas "como".

Deus não Se deixa escarnecer. A pessoa que pensa poder comprar Deus com 60 minutos de assistência à igreja cada semana é tão insensata como a que acredita que o simples ato de enviar o dízimo cumpre todas as expectativas de Deus. Amós disse que Deus não é comprado por símbolos baratos de compromissos. Isso significa que alguém pode ir regularmente às reuniões da igreja, mas se não perdoar as faltas dos outros, Deus não aceitará seu louvor. O culto que glorifica a Deus é uma experiência diária. "Em vez disso, corra a retidão como um rio, a justiça como um ribeiro perene!" (Am 5:24). Tão seguramente como

uma poderosa corrente de água jamais cessa, o glorioso louvor existe como uma aventura interminável.

"Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12:1, 2). De acordo com Paulo, o culto inclui a mente: "transformem-se pela renovação da sua mente."

Que assuntos têm ocupado sua mente? Acaso tem você levado "cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo" (2Co 10:5)? Quais são os programas de televisão que você tem visto? O que você lê glorifica a Deus? Em que tem se demorado na internet? O santo Deus não vai tolerar a contradição entre o culto de fim de semana e a indecência ou condescendência com o pecado durante a semana.

Deus espera que eu vá adorá-Lo na igreja? Sim. Espera que O adore fora da igreja? Sim. Ele espera minha adoração nos momentos de estudo, no desempenho do trabalho, no trato com meus liderados. Em todas as coisas, durante todo o tempo, devo adorar ao Senhor da cruz.

Dois filhinhos de um pastor correram ao escritório para lhe dizer que o jejum estava pronto. O menino chegou primeiro e se atirou no colo do pai. Em seguida, chegou a menina, e o irmãozinho disse: "Você chegou tarde. Hoje, consegui tudo do papai!" Inteligentemente, o pastor abriu os braços e também envolveu a menina. Ela disse ao irmão: "Você pode ter conseguido tudo do papai, mas ele tem tudo o que é meu!"

Quando vamos a Ele numa entrega completa, o Senhor tem tudo o que é nosso e disso nascerá verdadeira adoração, verdadeiro serviço. "A glória do Senhor será revelada, e, juntos, todos a verão. Pois é o Senhor quem fala" (Is 40:5). ▀



Professor na Faculdade
Adventista da Bahia,
Cachoeira, BA

Escolhas pastorais

O pastor não deve esperar apenas facilidades em seu trabalho. Contudo, pode escolher o modo de reagir aos obstáculos e desafios

Diligência e coragem

O apóstolo Paulo figura como grande exemplo de diligência no trabalho do Senhor. Aliás, essa é uma característica marcante que o apóstolo dos gentios possuía mesmo antes de sua conversão. Era sincero em suas crenças e diligente na defesa delas, agindo inclusive como implacável perseguidor dos cristãos. Ao se tornar mensageiro de Deus, entretanto, essa característica foi maximizada nele.

O caminho que aquele grupo de missionários estava tomando rumo a Perge representava prenúncio de dificuldades. Perseguição, privações financeiras, conforto limitado compunham o cenário que os esperava. No entanto, para o apóstolo essas dificuldades não eram motivo para desanimar no trabalho.

A fim de superar dificuldades financeiras, Paulo trabalhou diligentemente em sua profissão, numa época em que não havia projeto institucionalizado de manutenção do ministério: “Depois disso Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto. Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus sássem de Roma. Paulo foi vê-los e,

que as dificuldades aparecerão em seu caminho. Assim sendo, o foco do seu pensamento deve ser seu modo de reagir diante dos desafios e obstáculos.

O evangelista Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos, relata um episódio que nos convida a refletir um pouco mais a respeito dessa questão. Está escrito: “De Pafos, Paulo e seus companheiros navegaram para Perge, na Panfília. João os deixou ali e voltou para Jerusalém” (At 13:13). A leitura mais atenta desse texto nos permite identificar dois personagens em contraste: Paulo e João Marcos. Paulo estava indo, e João Marcos, voltando. Ou seja, ambos revelam atitudes contrárias diante do mesmo desafio que era o de continuar pregando o evangelho. Dessas atitudes, podemos extrair lições para o dia a dia pastoral.

“**E**u lhes disse essas coisas para que em Mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (Jo 16:33). Essas palavras de Cristo são aplicáveis a todos os cristãos; contudo para os pastores, elas se tornam especialmente significativas.

Por diversas razões, a vida pastoral é recheada com muitos desafios e, como ser humano, o pastor também sente o impacto das experiências difíceis que tem de enfrentar. O inimigo sabe que, se puder induzir o pastor a vacilar na fé, possivelmente consiga levar com ele muitas outras pessoas. Por essa razão, ele intensifica os ataques em todas as formas.

Um pressuposto da vida ministerial é que o pastor não deve esperar encontrar apenas facilidades. É certo

uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas” (At 18:1-3). Embora optasse por trabalhar nessa atividade, o apóstolo tinha plena consciência de que Deus autorizava a igreja a sustentar Seus ministros: “Da mesma forma, o Senhor ordenou àqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho” (1Co 9:14).

Paulo também sabia que sua vida estava em constante perigo. Por várias vezes, ele foi apedrejado, insultado, ameaçado de morte por causa do seu trabalho. Apesar disso, ele dizia: “Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1:21).

O apóstolo dos gentios foi exemplo de entrega total e irrestrita ao trabalho de Deus: “Quando os ministros, hoje, acham que estão sofrendo grandes agruras e privações por causa de Cristo, em imaginação, visitem a oficina do apóstolo Paulo, tendo em mente que, enquanto esse escolhido homem de Deus estava moldando as tendas, ganhava o pão para seu sustento, por seus próprios labores. No cumprimento do dever, ele enfrentava os mais violentos opositores, silenciando-lhes a orgulhosa jactância. Então, reassumia seu humilde emprego de fabricante de tendas. Seu zelo e diligência devem ser uma reprovação à indolência e comodidade egoísta dos ministros de Cristo. Qualquer trabalho que beneficie a humanidade ou promova o avanço da causa de Deus deve ser considerado honroso” (Ellen G. White, *Paulo: O Apóstolo da Fé e da Coragem*, p. 106). Eis um paradigma para as escolhas ministeriais!

Esmorecimento e comodidade

Outro personagem com o qual nos deparamos em Atos 13:13 é João Marcos. A atitude dele é apresentada em oposição à de Paulo. Não temos muitas informações a respeito de João Marcos. Ao escrever o livro de Atos, Lucas não mencionou a razão pela qual ele retrocedeu em sua participação missionária. Quem sabe, o

escritor quis preservá-lo, pois ao escrever seus livros inspirados, Marcos já se havia convertido e também se tornado escritor bíblico.

Porém, Ellen G. White nos ajuda a entender porque Marcos voltou para Jerusalém: “Marcos não havia apostatado da fé, mas, semelhante a muitos jovens ministros, esquivou-se das dificuldades e preferiu o conforto e a segurança do lar às viagens, labores e perigos do campo missionário” (Ibid., p. 50).

Ao vislumbrar a possibilidade de enfrentar dificuldades, João Marcos decidiu abandonar a carreira. Ele não deixou de amar o evangelho, muito menos deixou de amar Jesus, mas não queria se arriscar a perder o conforto de casa, para trabalhar na pregação do evangelho. Em outras palavras, naquele momento, João Marcos preferiu pregar o evangelho no lugar em que houvesse melhores condições de vida e menores riscos.

A quem imitar

Existem lugares em que o trabalho pastoral é realizado em boas condições de conforto e segurança; mas também existem outros lugares em que esse trabalho se torna penoso, menos confortável e até mesmo perigoso. Quando nos deparamos com a oportunidade de enfrentar esses desafios, qual dos dois modelos vamos seguir: Paulo ou Marcos?

Em algum momento, todos os pastores se defrontam com dificuldades no trabalho. Elas aparecem no âmbito espiritual, na forma de lutas internas e externas, tentações, escassez financeira, menos conforto do que se imaginava desfrutar. Também podem ser dificuldades familiares. Conduzir a família de tal maneira que ela também ame o pastorado, às vezes, se torna grande desafio. Trabalhar longe de familiares e antigos amigos, problemas de relacionamento com pessoas de temperamento difícil, arcar com o peso de decisões complicadas, tudo isso pode também ser incluído como dificuldades no caminho do pastor.


Se nossa opção é seguir o modelo de Paulo, façamos nossas as palavras

dele: “Contudo, quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Co 9:16). E mais: “Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1:21). À semelhança de Paulo, podemos escolher permanecer leais à nossa vocação e enfrentar as dificuldades confiantes em Jesus Cristo.

Porém, alguns podem escolher imitar o modelo deixado por João Marcos, e argumentar algo como: “Bem, prefiro o conforto de casa às lutas no campo de batalha.” “Outros podem servir à igreja em lugares mais difíceis. Eu prefiro lugares em melhores condições de moradia, vantagens financeiras e conforto material.” De fato, quem segue por esse caminho pensa mais em si mesmo, nos próprios interesses, em vez de priorizar a missão para a qual foram convocados.

Chance de mudar

Felizmente, a história de João Marcos não termina em Atos 13. Amadurecido, ele reconsiderou sua postura e voltou a olhar mais a Cristo do que às vantagens e comodidades terrenas. Posteriormente, o mesmo Paulo escreveu a Timóteo sobre ele: “Só Lucas está comigo. Traga Marcos com você, porque ele me é útil para o ministério” (2Tm 4:11). Na carta aos colossenses, também escreveu: “Aristarco, meu companheiro de prisão, envia-lhes saudações, bem como Marcos, primo de Barnabé. Vocês receberam instruções a respeito de Marcos, e se ele for visitá-los, recebam-no. Jesus, chamado Justo, também envia saudações. Esses são os únicos da circuncisão que são meus cooperadores em favor do reino de Deus. Eles têm sido uma fonte de ânimo para mim” (Cl 4:10, 11). A mudança de Marcos representa esperança para todos aqueles que também necessitam transferir o foco ministerial de si mesmos para Jesus Cristo.

Que Deus nos ajude a fazer escolhas tendo sempre como base a vontade de Deus, não a nossa. 



Professor no Seminário Teológico Adventista de Friedensau, Alemanha

Unidade na diversidade

Na igreja primitiva, harmonia não era condição inalterável, mas um permanente alvo que frequentemente era alcançado

“**D**a multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração” (At 4:32). Assim Lucas descreve a unidade que prevaleceu entre os primeiros seguidores de Jesus em Jerusalém. “Uma era a mente” abrange outra expressão favorita de Lucas ao descrever uma igreja desfrutando paz e harmonia (At 1:14; 2:46). Realmente, a igreja apostólica era uma comunidade unida.

Entretanto, Lucas não deixou de mencionar alguns incidentes que mostram discórdia e lutas entre os primeiros cristãos. As controvérsias mais óbvias incluem a distribuição de suprimentos entre as viúvas (At 6:1); o conflito sobre a visita de Pedro ao gentio Cornélio (At 11:2, 3); o concílio de Jerusalém sobre a circuncisão (At 15:1, 2, 7); a contenda entre Paulo e Barnabé (At 15:36-40)

e mais dois outros exemplos que veremos posteriormente.

Qual é a estratégia por trás da maneira de Lucas retratar a igreja primitiva, por um lado, descrevendo sua unidade e, por outro lado, não hesitando em expressar as contendas entre aqueles cristãos (At 15:2)?

A fim de compreendermos o relato de Lucas sobre unidade e conflito, necessitamos focalizar três aspectos. Primeiro, o contexto em que o evangelista fala de unidade da igreja revela que muitas afirmações de harmonia aparecem como declarações resumidas. São passagens curtas que não relatam eventos singulares, mas descrições gerais de períodos de tempo (At 1:14; 2:42-46; 4:35-35; 5:12-16; 9:31). Alguém poderia dizer que Lucas encaixa suas histórias de conflitos com declarações sumárias

de harmonia. Em outras palavras, a igreja não vivia em harmonia imutável, mas era capaz de alcançar concórdia repetidas vezes. Harmonia não era condição inalterável, mas um permanente alvo que frequentemente era alcançado.

Segundo, em todos os textos a respeito de conflitos, Lucas não apenas mostrou o problema; ele também descreveu como o conflito foi superado sob a direção do Espírito Santo. Lucas estava interessado em mostrar a resolução do conflito. Uma exceção pode ser a contenda entre Paulo e Barnabé, que resultou em separação.



Porém, o resultado foi um esforço missionário duplo, desde que ambos foram a diferentes lugares para disseminar o evangelho.

Terceiro, a estratégia de Lucas incluía seu interesse em mostrar como, depois de o conflito ter sido superado, o evangelho foi proclamado ainda mais poderosamente e como a igreja cresceu (At 5:12; 6:7; 11:19).

Esses aspectos nos levam à conclusão de que a preocupação de Lucas não foi retratar uma situação, mas descrever um caminho em direção ao alvo. Ele não relatou simplesmente a história, mas compartilhou com seus leitores a convicção de que a unidade é possível. Encorajou-os a não tramar conflitos, não se afastar daqueles que têm opiniões diferentes (At 15) nem culpar outros (At 6:1-7), mas a confiar na ação do Espírito Santo e lutar pela unidade. Como é possível ver em Atos 15, os meios de obter consenso consistem de discussão (v. 7), prestar atenção à direção de Deus (v. 7-12, 14) e consulta das Escrituras (v. 15-18). Hoje, experimentamos encorajamento quando vemos que a igreja primitiva lutou com problemas iguais aos nossos e que, por meio da direção de Deus, aqueles cristãos foram capazes de superar o perigo de divisão.

Buscando a direção divina

Lucas relatou dois incidentes da experiência dos primeiros cristãos, nos quais a direta intervenção de Deus evitou que a igreja fosse dividida. Nessas disputas, a questão era luta por *status*. Parece que assuntos dessa natureza são tão perigosos para a unidade da igreja quanto diferenças doutrinárias (At 11:1-18; 15:1-33) e questões de conduta (At 6:1-7; 15:36-40). É interessante notar que esses dois eventos nem sempre são reconhecidos como cenas de conflito.

O primeiro evento envolve a escolha de Matias (At 1:15-26). Na igreja primitiva, os doze apóstolos eram os mais poderosos representantes dos seguidores de Jesus. Eles detinham maior autoridade. Depois da morte

de Judas, Pedro sugeriu que a lacuna fosse preenchida e fosse escolhida uma nova testemunha do ministério de Jesus. O relato de Lucas mostra que aproximadamente 120 cristãos estavam reunidos em Jerusalém (At 1:15). De acordo com a proposta de Pedro, eles concordaram com os critérios que qualificariam alguém para a função: devia ter estado com Jesus desde o início bem como haver testemunhado Sua ressurreição (v 21, 22). Esses critérios indicavam *status* elevado.

“Nem status nem posições devem ser buscados ou mantidos ao preço do risco de prejudicar a unidade do corpo de Cristo”

Então, foram indicados dois candidatos: José, chamado Barsabás, também conhecido como Justo, e Matias (v. 23). Em uma sociedade acostumada a eleições democráticas, ter dois ou mais candidatos para uma função é uma situação normal e até desejável. O voto da comunidade decide quem será eleito. Isso é diferente em uma sociedade em que autoridades determinam a vontade da comunidade, como era o caso na Jerusalém antiga.

Semelhantemente ao que ocorre hoje, ter dois candidatos significa que as autoridades não foram capazes de concordar sobre um, mas ambos tinham partidários e oponentes. Com efeito, o voto democrático podia determinar o vencedor. Na tradicional sociedade do primeiro século, o vencido não apenas ficava sem a honrada função, mas também perdia prestígio.

Em toda sociedade, as pessoas reconhecem a importância de não perder prestígio e de ganhar honra e respeito. Na cultura greco-romana do primeiro século essa questão era ainda mais importante.¹ Honra era o bem mais desejado, mais importante que dinheiro. E era um bem limitado, ou seja, alguém podia conquistar

honra somente a expensas de outros. Se alguém recebesse a honra de ser eleito para uma função importante, o outro candidato terminava prejudicado. Assim, os primeiros cristãos em Jerusalém enfrentaram uma situação difícil, que poderia facilmente levar a uma luta aberta por *status* no grupo.

Como foi evitada essa luta? Segundo o relato, primeiramente eles oraram para que Deus indicasse qual dos dois candidatos seria escolhido, então lançaram sorte entre os dois. No Novo Testamento, essa é a única referência ao lançamento de sorte como meio de eleger alguém para uma função, e parece que não era prática comum. Caso fosse normal, eles não teriam se ocupado em elaborar critérios e nomear candidatos. Orar pela decisão de Deus e lançar sorte foi a maneira encontrada para se livrar do dilema que enfrentaram quando não foram capazes de alcançar consenso sobre os candidatos. No fim, Matias recebeu a função, não por causa de suas conquistas, mas devido à soberana decisão de Deus.

Para compreender a cultura do primeiro século, precisamos entender a diferença entre honra adquirida e honra atribuída. Para vencer uma luta por *status*, alguém tinha que investir alguma coisa: fazer uma construção pública, bem-estar para a comunidade, tornar-se benfeitor de necessitados e, assim, aumentar o número de seus partidários. Todas essas ações eram aceitáveis para superar reais ou assumidos rivais e alcançar honra adquirida. Na verdade, tais ações sempre deixavam para trás pessoas que perdiam a disputa e eram lançadas à humilhação.

A honra atribuída não era resultado de esforço pessoal; era fruto de nascimento ou ligações familiares. Era herdada, ou conferida a alguém pela soberania de quem detivesse o poder. Nada havia que a pessoa pudesse fazer para isso. Consequentemente, a honra atribuída não impunha humilhação a quem não a tivesse recebido, porque este não tinha obrigação de conquistá-la.

Matias não se tornou um dos doze apóstolos por causa da ação de partidários. Ele não adquiriu essa honra; ela lhe foi atribuída por Deus. Quando os seguidores de Jesus em Jerusalém apresentaram dois candidatos e enfrentaram uma possível erupção de luta por *status* entre eles, recorreram à mais alta autoridade.

Ao elaborar com declarações resumidas seu relato sobre a escolha dos doze apóstolos, Lucas indicou que a decisão de jejuar e orar foi muito sábia para a preservação da harmonia daquele grupo. Antes da escolha, ele disse que todos estavam reunidos e unânimes em oração (At 1:14). Depois do evento, todos eles foram juntos ao cenáculo (At 2:1) e receberam o Espírito Santo. Isso significa que os primeiros seguidores de Jesus não experimentavam harmonia inalterável, mas eram capazes de superar uma situação na qual facilmente podiam ser divididos.

Conflitos resolvidos

A questão da luta por *status* surgiu novamente no incidente da morte de Ananias e Safira (At 4:36-5:11). Nessa ocasião, a luta não foi evitada, mas surgiu abertamente. Porém, pela intervenção divina um partido de rivais perdeu não apenas honra, mas, no fim, também perdeu a vida. Qual foi a questão envolvida? A igreja primitiva se esforçava muito para suprir com alimentos a irmandade pobre. Havia refeições em comum e, assim, os necessitados eram assistidos (At 2:44-46; 4:32-35). Os membros mais abastados providenciavam bastante alimento e os pobres recebiam cuidado. Mas, pouco depois, não houve alimento suficiente para todos. Isso levou alguns membros mais prósperos a vender propriedades e dar o dinheiro aos apóstolos. Desse modo, era possível continuar com as refeições comunitárias.

Na cultura greco-romana do primeiro século, era comum o oferecimento de refeições comunitárias, dos mais ricos para os mais pobres da comunidade. Essa atitude positiva

era vista como virtude. O mais próspero tinha certa obrigação de fazer algo bom pela sociedade. Pesquisas mostram inscrições honorárias com nomes e ações de pessoas que colaboraram com associações voluntárias étnicas, religiosas e profissionais.²

A igreja primitiva não requereu que todos disponibilizassem suas propriedades aos apóstolos (At 5:4; 12:12). Que “ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse” (At 4:32), resume a declaração final de Lucas (At 4:32-25) – uma descrição geral da atitude íntima dos membros prósperos da igreja em relação a seus pertences, não uma descrição de condição legal de propriedade.

Depois do resumo, Lucas relata dois exemplos de patrocinadores do programa assistencial da igreja. Primeiro, ele mencionou José que mereceu honra pública e recebeu nome honorário. Esse é um caso de honra adquirida e da bem conhecida prática de prestar reconhecimento a um patrocinador. Os apóstolos deram a ele o nome de Barnabé, que significa “encorajador” (At 4:36), provavelmente por causa de uma oferta generosa para a igreja, durante uma situação financeira difícil.

A honra concedida a Barnabé lhe deu um *status* vantajoso sobre outros membros do mesmo nível social que ele. Outros proprietários de bens imóveis ficaram, então, em posição inferior à de Barnabé. Na sociedade antiga, havia constante disputa por honra entre pessoas do mesmo nível social. Como aconteceria com outros membros da sociedade, Ananias e Safira se sentiram desafiados a competir com Barnabé, pela mesma ou até por mais elevada honra.

O Espírito Santo habilitou Pedro a ver que Ananias e Safira não estavam preocupados com o bem-estar da igreja, mas com os próprios interesses. Eles queriam honra excepcional sem sacrifício excepcional.³ A obtenção de honra por meio de fraude, geralmente era considerada ofensiva. Os destinatários de Lucas deviam com-

preender a situação à luz disso. Que a luta por *status* era assunto constante na igreja primitiva é indicado pelas repetidas admoestações de Jesus e Paulo (Lc 14:7-10; Gl 5:26; Fp 2:3; Rm 12:10, 16). O conflito foi superado pela intervenção divina, não por meio de ação humana. Pedro não decretou uma sentença, mas falou por Deus. Ele mencionou os fatos da situação e mostrou as consequências.

A solução para esse tipo de conflito inclui submissão à autoridade de Deus, que age como supremo Juiz e destrói a injusta luta pelo poder na igreja, restaurando a correta hierarquia de honra. No fim, é Deus quem preserva a unidade da igreja. Isso mostra a lição do conflito de Ananias e Safira. A tarefa das pessoas na igreja é, com a ajuda do Espírito Santo, reconhecer o trabalho de Deus.

Lucas colocou uma resumida declaração positiva antes e depois do relato do conflito (At 4:32-35; 5:11-16). Em consequência da ação divina, todo o grupo foi publicamente honrado. As pessoas ficaram cheias de respeito pela igreja e passaram a ter os membros na mais alta estima (At 5:13).

Hoje, a igreja enfrenta semelhantes desafios de desunião, na forma de escondidas ou abertas lutas de membros para conquistar *status* de superioridade. A mensagem de Lucas é animadora: a unidade na comunidade de fé é possível, desde que todos aqueles que se envolvem em ações divisórias coloquem seus interesses no altar da oração, busquem a vontade de Deus e a operação do Espírito Santo. Nem *status* nem posições devem ser buscados ou mantidos ao preço do risco de prejudicar a unidade do corpo de Cristo. Ele é o Senhor da igreja e Sua vontade significa que a igreja deve ser uma, assim como o Pai e o Filho são um (Jo 10:30). ▀

Referências:

- ¹ Bruce J. Malina e Jerome H. Neyrey, *The Social World of Luke-Acts* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1991), p. 25-65.
- ² Markus Öhler, *New Testament Studies* 51, n° 3 (2005), p. 393-415.
- ³ Ernst Haenchen, *Die Apostelgeschichte* (Göttingen, Alemanha: Vandenhoeck&Ruprecht, 1956), p. 199.



Pastor jubilado, ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista

As sete trombetas do Apocalipse



O que pode ser feito para evitar que a diversidade de interpretações se transforme em batalha teológica?

Ilustração: Carlos Serbelli

Um ciclo visionário muito difícil de ser interpretado no Apocalipse é o das sete trombetas (Ap 8-11). A linguagem e as imagens são complexas. Sua aplicação a eventos históricos específicos tem resultado em vários pontos de vista. Essa incerteza de interpretação pode confundir estudantes interessados em encontrar uma interpretação clara e final dessa profecia. Atualmente, essa interpretação final está indisponível.

Talvez, a questão a ser abordada seja a seguinte: O que pode ser feito para evitar que a diversidade de opiniões se transforme em batalha teológica? Sugiro duas coisas: Primeira, devemos pedir que o Senhor fortaleça nossa boa vontade para trabalhar unidos, em espírito de amor cristão e humildade, para edificar a igreja. Segunda, devemos estar de acordo quanto à abordagem dessa profecia, uma questão que envolve hermenêutica.

Princípios básicos

Não tenho nada novo a oferecer, mas salientarei a necessidade de permanecermos firmemente comprometidos com nossos inegociáveis princípios de interpretação apocalíptica. Vejamos alguns desses princípios, no contexto do presente estudo.

1. Na interpretação das trombetas, teólogos adventistas têm empregado quase constantemente o método historicista da interpretação profética, porque isso está fundamentado na própria Escritura.

Esse método foi transmitido às visões apocalípticas pelo anjo intérprete, sendo assim um método válido, utilizado inclusive por Jesus, pelos apóstolos e intérpretes cristãos através da História. Embora neste artigo eu não forneça todas as evidências necessárias para apoiar os mais importantes elementos do método historicista de interpretação,¹ declaro que as seguintes evidências são indispensáveis à interpretação das trombetas:

A profecia apocalíptica cobre toda a extensão do tempo do profeta ao fim da História (Dn 7). Em nome da lealdade a essa metodologia, é necessário aplicá-lo à visão das sete trombetas. Quando examinamos essa profecia desde nosso momento histórico, devemos compreender que alguns elementos dela já foram cumpridos, outros estão em processo de cumprimento ou ainda serão cumpridos.

O cumprimento da profecia tem lugar dentro do fluxo da História como um todo. Por isso, ela não pode nem deve ser interpretada junto às linhas preterista ou futurista, nem aplicada a abstenções conceituais separadas dos eventos históricos específicos (idealismo).

Recapitulação é fundamental nas profecias apocalípticas (Dn 2; 7; 8; 11). As trombetas recapitulam a História, desde uma perspectiva particular e, em alguma extensão, paralelamente a outros ciclos de sete encontrados no Apocalipse.² Cada paralelo analisa o período histórico por ângulos diferentes e até suplementares.

2. A natureza da visão aponta um cumprimento bastante específico para ser localizado em um evento ou processo histórico. Em outras palavras, cumprimentos múltiplos devem ser excluídos da discussão.³ Isso tem sido considerado pelo escritor bíblico uma característica fundamental da profecia apocalíptica (ver Dn 2:30; 8:20, 21).

3. As trombetas não são juízos finais de Deus sobre pecadores impenitentes, mas ocorrem dentro do fluxo histórico. Portanto, devemos distinguir claramente entre o propósito das trombetas e o das sete pragas (Ap 16). As pragas ocorrerão em um específico momento histórico, o qual rapidamente levará à parousia.

4. A menção a períodos de tempo nessa visão deve ser cuidadosamente estudada para determinar se são períodos proféticos ou alguma outra coisa. Se a referência for a períodos proféticos de tempo, devemos tentar encontrar o cumprimento histórico aplicando o princípio dia-ano.

5. Devemos estudar os antecedentes bíblicos da linguagem e imagens usadas para descrever cada trombeta, antes de tentar identificar seu cumprimento histórico. Esse elemento metodológico está fundamentado no princípio hermenêutico de que a Escritura interpreta a si mesma. Sua aplicação exclui o uso da nossa imaginação para determinar o significado e identificar o cumprimento.

Empregando esses princípios, não garantimos unanimidade, mas estabelecemos alguns importantes parâmetros para a interpretação das trombetas. Embora as diferenças de opinião não possam ser completamente afastadas, como intérpretes adventistas do sétimo dia devemos manter esses princípios. Por exemplo, pode ser que a linguagem e imagem utilizadas na descrição de uma trombeta em particular sejam aplicadas por diferentes intérpretes a diferentes eventos históricos. Isso pode ser tolerado, contanto que um cumprimento

histórico particular esteja em vista e o texto bíblico tenha sido cuidadosamente analisado para justificar essa possibilidade. Isso sugere que, no que diz respeito à interpretação final ou plena das trombetas, nossa jornada ainda não terminou.

“Devemos permanecer firmemente comprometidos com nossos princípios de interpretação apocalíptica”

Diversidade de opiniões

O quadro anexo ilustra como a aplicação dos princípios de interpretação das trombetas, por dedicados adventistas, pode resultar em diversas opiniões sobre o preciso cumprimento histórico da profecia.

A observação do quadro mostra alguns pontos importantes. Primeiro, está claro que a visão tradicional entre os adventistas, representada por Urias Smith, não é fortemente apoiada por muitos intérpretes. Entretanto, o fato de que um erudito contemporâneo (Alberto Treyer) tenha apresentado uma interpretação das trombetas em consonância com a de Smith indica que essa interpretação não deve ser facilmente descartada. Segundo, nenhum dos outros intérpretes segue a linha de interpretação de Smith sobre as primeiras quatro trombetas. Se essa amostra de expositores tem algum valor, pode-se concluir que um novo consenso, radicalmente diferente da visão de Smith, parece estar surgindo na interpretação dessas trombetas. Terceiro, há algumas significativas diferenças de interpretação da quinta e sexta trombetas. Dois intérpretes ladeiam Smith em sua interpretação da quinta trombeta (Thiele e Maxwell), e três concordam com ele na interpretação da sexta trombeta (Thiele, Maxwell e Shea). Mas existem variações em alguns detalhes. Isso sugere que a interpretação de Smith não foi totalmente descartada.

OPINIÕES SOBRE AS SETE TROMBETAS

Trombeta	U. Smith	E. Thiele	R. Naden	G. M. Maxwell	W. Shea	J. Paulien H. LaRondelle R. Stefanovic	A. Treyer
Primeira	Ataque dos visigodos contra Roma, sob Alarico.	Juízos de Deus sobre Jerusalém.	Juízos de Deus sobre Jerusalém.	Juízos de Deus sobre Jerusalém.	Roma pagã perseguindo cristãos.	Juízos de Deus sobre Jerusalém.	Ataque dos visigodos contra Roma, sob Alarico.
Segunda	Ataque dos vândalos contra Roma.	Juízos de Deus sobre Roma pagã.	Juízos de Deus sobre Roma pagã.	Juízos de Deus sobre Roma pagã.	Queda de Roma pagã.	Queda do Império romano.	Ataque dos vândalos contra Roma.
Terceira	Ataque os hunos contra Roma.	Juízos de Deus sobre a professa igreja cristã.	Juízos de Deus sobre a professa igreja cristã.	Juízos de Deus sobre a professa igreja cristã.	Apostasia da igreja cristã.	Apostasia da igreja cristã.	Ataque dos hunos contra Roma.
Quarta	Queda de Roma ocidental	Trevas da Idade Média.	Trevas da Idade Média.	Trevas da Idade Média.	Trevas da Idade Média	Surgimento do ateísmo secular (Ap 11:7).	Falência de Roma ocidental e seu sistema de culto.
Quinta	Surgimento do islamismo (cinco meses: 1299 + 150 = 1449).	Surgimento e progresso do islamismo (cinco meses: 1299 + 150 = 1449).	Ataque de Satanás à Reforma, por meio da Contra-Reforma (cinco meses = 150 anos; 1535-1685).	Surgimento e progresso do islamismo (cinco meses = 150 anos; primeiro ataque muçulmano contra Constantinopla em 674 ao último em 823 [149 anos]).	Cruzadas na Idade Média (cinco meses = 150 anos; 1099-1249; da captura de Jerusalém ao início da última cruzada).	Reinado do ateísmo secular (cinco meses = juízos de Deus são percebidos mas limitados, Gn 7:24; 8:3).	Surgimento do islamismo contra o cristianismo apostatado (cinco meses = 150 anos; 632-782; primeira onda expansionista do Islã).
Sexta	Império Otomano (um dia, um mês, um ano=391 anos; 1449-1840).	Império Otomano (391 anos; 1449-1840).	Tempo da crise final; do século 18 ao fim da graça.	Império Otomano (391 anos; 1543, queda do Império bizantino a 1844).	Império Otomano (391 anos; 1453-1844, promulgação do edito de tolerância.	Surgimento de Babilônia do tempo do fim. Crise final descrita em Ap 7:1-3, 13-16 (uma hora, um dia, um mês, referência ao tempo divino estabelecido).	Império Otomano (391 anos; 1453-1844, promulgação do edito de tolerância.
Sétima	Mistério de Deus é terminado.	Mistério de Deus é terminado.	Consumação	Mistério de Deus é terminado.	Mistério de Deus é terminado.	Cenário dos eventos finais em andamento (resumo dos eventos descritos em Ap 12-22).	Tempo do fim em que o mistério de Deus é cumprido.

Quarto ponto: a mais importante evolução na interpretação da quinta e sexta trombetas encontra nelas o surgimento do secularismo e do

ateísmo no mundo ocidental bem como na obra da Babilônia do tempo do fim (Paulien, LaRondelle e Stefanovic).⁴ Sendo esse o principal desvio

da abordagem tradicional, precisamos refletir um pouco mais sobre ele. A questão é se essa interpretação é compatível com a abordagem

historicista. Em minha opinião, parece ser compatível – não estou dizendo que ela seja ou não a melhor interpretação dessa profecia. O principal motivo da minha opinião é que ela não é uma abordagem preterista nem futurista nem idealista.

O aparente problema é que essa visão identifica os poderes descritos nas trombetas com movimentos espirituais e filosóficos em vez de impérios ou nações. Mas, nesse ponto, precisamos ser cuidadosos. Por exemplo, no Novo Testamento, Israel não é apenas um poder geopolítico. Com a vinda do Messias, o Israel de Deus passou a incorporar pessoas de todas as nações, tribos e línguas. Também no Apocalipse, Babilônia não é apenas uma cidade da Mesopotâmia, mas um símbolo de apostasia global e rebelião contra Deus.

Esse modo de interpretação é apoiado por Ellen G. White no contexto das profecias apocalípticas. Ela toma as referências ao Egito para representar o espírito da Revolução Francesa que alcançou dimensões globais na forma de ateísmo.⁵ Portanto, essa nova interpretação da quinta e sexta trombetas permanece dentro dos limites do historicismo. Provavelmente, o mais significativo desafio que ela enfrenta seja o de fornecer uma interpretação válida aos elementos de tempo mencionados nessas duas trombetas. Por outro lado, aqueles que seguem Urias Smith, ou chegam muito perto da opinião dele, não apenas têm que concordar sobre datas específicas para o cumprimento dos períodos proféticos, mas também precisam encontrar melhor explicação para a referência ao selo de Deus na sexta trombeta (Ap 9:14).

Quinto ponto: Outro item que tende a complicar a discussão dos períodos proféticos e tem influenciado alguns dos expositores é que Ellen G. White parece apoiar a interpretação do milerita Josias Litch. Eis o que ela escreveu:

“No ano de 1840, outro notável cumprimento de profecia desper-

tou geral interesse. Dois anos antes, Josias Litch, um dos principais pastores que pregavam o segundo advento, publicou uma explicação de Apocalipse 9, predizendo a queda do Império Otomano. Segundo seus cálculos, essa potência deveria ser subvertida ‘no ano de 1840, no mês de agosto’; e poucos dias apenas antes de seu cumprimento escreveu: ‘Admitindo que o primeiro período, 150 anos, tenha se cumprido exatamente antes que Deacozes subisse ao trono com permissão dos turcos, e que os 391 anos, quinze dias, começaram no fim do primeiro período, terminará no dia 11 de agosto de 1840, quando se pode esperar seja abatido o poderio otomano em Constantinopla. E isso, creio eu, verificar-se-á ser o caso’ (Josias Litch, *Signs of the Times*, 1º de agosto de 1840).

“No mesmo tempo especificado, a Turquia, por intermédio de seus embaixadores, aceitou a proteção das potências aliadas da Europa, e assim se colocou sob a direção de nações cristãs. O acontecimento cumpriu exatamente a predição. Quando isso se tornou conhecido, multidões se convenceram da exatidão dos princípios de interpretação profética adotados por Miller e seus companheiros, e maravilhoso impulso foi dado ao movimento do advento. Homens de saber e posição uniram-se a Miller, tanto para pregar como para publicar suas opiniões, e de 1840 a 1844 a obra se ampliou rapidamente.”⁶

O contexto indica que ela estava descrevendo a experiência de Guilherme Miller e seus adeptos no início dos anos 1840. Sendo ela, naquele tempo, milerita, muito provavelmente ela tenha aceitado a interpretação de Litch. O ponto principal da citação é que o cumprimento da predição dele acrescentou ênfase à interpretação profética dos 2.300 dias desenvolvida por Guilherme Miller. O que tem sido sugerido é que aqui, aparentemente, tenhamos uma nova versão da experiência dos mi-

leritas, incluindo a Sra. White, sem necessariamente prover uma interpretação final do período profético. Qualquer que seja o caso, continua sendo um importante debate.⁷

Porém, o fato de que ela não mais tenha voltado a mencionar 1840 como um ano em que uma profecia bíblica foi cumprida, faz-nos cuidadosos em relação ao uso isolado dessa declaração. No quadro anexo, está claro que, exceto Urias Smith, apenas outro escritor conclui o período em 1840 (Thiele). Treyer é simpático a 1840, mas parece mais à vontade com 1844. Em outras palavras, a maioria deles não se apega a uma declaração isolada de Ellen G. White, para estabelecer a questão. Em vez disso, eles buscam reexaminar o texto bíblico e as fontes históricas. Nesse caso, esse parece ser um bom procedimento.

Em suma, as ideias aqui apresentadas são compatíveis com o método historicista de interpretação profética. Desde que essa metodologia não seja enfraquecida, a igreja deve permitir a diversidade de interpretações.⁸ O reconhecimento disso deve imediatamente descartar interpretações dogmáticas e discussões exaltadas que podem facilmente sacrificar a humildade e o amor cristão. Toda interpretação sugerida necessita ser discutida em termos de validade da análise do texto bíblico e seu alegado cumprimento histórico.

Referências:

- ¹ William Johnson, *Hanbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 784-814.
- ² Ekkehardt Mueller *Journal of the Adventist Theological Society* 9, nº 1 (1998), p. 160-177.
- ³ Jon Paulien, *Symposium on Revelation – Book 1*, (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 183-198.
- ⁴ Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes* (Review and Herald, 2002), p. 84-91.
- ⁵ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 269.
- ⁶ *Ibid.*, p. 334-335.
- ⁷ Robert W. Olson, *101 Questions on the Sanctuary and Ellen G. White* (Washington DC: Ellen G. White Estate, 1981), item 52.
- ⁸ Embora afirme a opinião tradicional de Smith, o *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 778-796, admite outras possibilidades e evita o dogmatismo.



Diretor do Instituto de Evangelismo da Divisão Norte-Americana

O Espírito em minha vida

Devemos buscar o poder do Consolador, na certeza de que Deus O enviará a nós, pois assim prometeu



Quais são as condições que devem ser preenchidas, a fim de sermos dotados com o poder do Espírito Santo? Na edição anterior desta revista, analisamos quatro das sete condições para que isso se torne realidade em nós, conforme reveladas no Novo Testamento: arrependimento, implícita confiança, obediência e conscientização do nosso dever de alcançar pecadores com a mensagem de salvação.

Neste artigo, abordaremos as três últimas condições: persistente inter-

cessão, honra ao templo do corpo e permissão para que Cristo habite em nosso coração.

Persistente intercessão

Em uma de Suas parábolas, Jesus ilustrou a persistente intercessão, ao falar a respeito do vizinho importuno. Ele ensinou: “Eu lhes digo: Embora ele [o vizinho] não se levante para dar-lhe o pão por ser seu amigo, por causa da importunação se levantará e lhe dará tudo o que precisar. Por isso lhes digo: Peçam, e lhes será dado... Pois todo o

que pede, recebe... Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos Céus dará o Espírito Santo a quem O pedir!” (Lc 11:8-10,13).

A expressão “persistente”, ou “importuno”, é mais suave do que a palavra grega original *anaideia*, cuja tradução pode ser “desavergonhado” ou “atrevido”.¹ De fato, Deus não está, absolutamente, relutante em nos conceder o Espírito. A questão é a seguinte: Estamos nós tão famintos para tê-Lo, de modo que jamais

aceitemos um “não” como resposta, nem deixemos Sua presença até que a porta seja aberta? Semelhantemente ao vizinho da parábola, podemos ser insistentes e audaciosos em pedir Àquele que é gracioso.

Corrie ten Boom, cristã holandesa que sofreu intensa perseguição por haver, com sua família, ajudado centenas de judeus a escapar do nazismo durante a segunda guerra mundial, se tornou uma das mais ardentes proclamadoras do perdão e graça de Deus na Europa. Sua pungente história foi imortalizada no livro *The Hiding Place* [O Esconderijo]. Depois da guerra, ela se ocupou em vários ministérios, inclusive o de ajudar um companheiro holandês, o irmão Andrew, a clandestinamente disseminar Bíblias em territórios comunistas.

Naquele tempo, parecia impossível conseguir que o trabalho fosse feito, por causa de restrições governamentais, suspeitas e outros inumeráveis impedimentos. A vida dos que estavam envolvidos nesse ministério estava em constante perigo. Porém, eles sentiam a responsabilidade de colocar a Palavra de Deus nas mãos daqueles que nada sabiam a respeito do Deus do Céu.

Quando as portas pareciam fechadas, o irmão Andrew, Corrie ten Boom e outros líderes reuniam-se para orar sem cessar, implorando a intervenção do Senhor na situação. Testemunhas falaram a respeito da ousadia de Corrie diante do Senhor: “Senhor, faça alguma coisa!”, ela orava. “Não há tempo a perder.” Então, como um advogado no tribunal, ela citava a Palavra de Deus diante dele, encontrando a passagem exata e, argumentando com base no que estava escrito, insistia em que Ele devia responder. Com a Bíblia em punho, ela clamava: “Aqui, Senhor, leia o que o Senhor disse.”²

Isso não significa desrespeito, mas confiança diante de um Deus santo. “Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento

da necessidade” (Hb 4:16), porque Deus Se agrada imensamente quando nós colocamos nEle todo o peso de nossa confiança (Hb 11:6). Escrevendo sobre o dever de orar, Martin Lloyd-Jones disse: “Você terá essa mesma santa ousadia... entregando o caso a Deus, reivindicando Suas promessas. Oh, isso é todo o segredo da oração, penso algumas vezes... Não O deixe em paz. Incomode-O com Suas próprias promessas. Apresente-Lhe o que Ele disse que faria. Cite as Escrituras para Ele... Isso Lhe agrada... Deus é nosso Pai, nos ama e gosta de nos ouvir reivindicando Suas promessas, citando Suas palavras e dizendo: ‘À luz disso pode o Senhor recuar?’ Isso deleita o coração de Deus.”³

Se você genuinamente deseja ser cheio de Deus até transbordar, peça e continue pedindo, até que isso aconteça. Então, continue pedindo as inexauríveis riquezas celestiais. Deus jamais esgota Sua graça. Ele não necessita ser persuadido por nós a nos garantir tudo o que tem prometido. Necessitamos apenas nos manter em oração, a fim de compreendermos quão importante isso realmente é para nossa vida. Nosso coração necessita de persuasão pela insistência.

Honrando o templo

A condição seguinte encontrada no Novo Testamento para a capacitação pelo Espírito Santo é honrar nosso corpo como templo de Deus: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo” (1Co 6:19, 20).

Através da história, várias filosofias e ideias têm levado religiosos e outras pessoas respeitadas a considerar o corpo humano como sendo destinado apenas ao prazer. Por exemplo, durante os tempos apostólicos (At 17:18), os epicureus acreditavam que o maior bem era a prudente busca do prazer e ausência de sofrimen-

to. Embora isso parecesse inofensivo e pregasse contra excessos, o foco era sobre o que faz com que uma pessoa se sinta bem. O extremo da filosofia era alguma forma de hedonismo, o qual ensinava descaradamente que a busca do mais elevado prazer para o corpo era o mais elevado bem. Por essa razão, os hedonistas se entregavam ao prazer sexual.

Hoje, em nome dos direitos individuais, as pessoas, principalmente nas sociedades ocidentais, se sentem muito protetoras de seus direitos para fazer o que desejam com seu corpo. Assim, ninguém deve criticar a coabitação homossexual, o sexo extraconjugal, nem mesmo os mais hediondos e perversos tipos de liberdade de expressão prontamente acessíveis na internet. O prazer governa. Essa atitude também é alimentada pela crença no dualismo, ou seja, a ideia de que o domínio físico é distinto e separado do espiritual. Mas pesquisas têm estabelecido claramente que o que acontece ao corpo afeta profundamente o espírito e a mente.⁴

A Bíblia ensina que nosso corpo é o templo, a residência, do Espírito Santo. Consequentemente, se desejamos que o Espírito habite em nós, temos que glorificar a Deus com nosso corpo (1Co 10:31). Isso também é parte da mensagem adventista ao mundo: “Temam a Deus e glorifiquem-nO” (Ap 14:7). O Espírito Santo afeta fisicamente nosso corpo. “O Espírito Santo... renovará cada órgão do corpo de modo que os servos de Deus possam trabalhar aceitavelmente e com êxito. A vitalidade aumenta sob a influência da ação do Espírito.”⁵

Se desejamos o Espírito Santo, se queremos dar lugar a Deus em nossa vida, simplesmente não podemos tratar nosso corpo de qualquer maneira que desejarmos. “Pois se vocês viverem de acordo com a carne”, Paulo nos lembra, “morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão” (Rm 8:13). Não podemos comer o que e quando quisermos, usar e abusar do nosso

corpo, trabalhar até o esgotamento, sem que isso afete nossa habilidade para perceber o amor e a vontade de Deus para nossa vida. Se formos prósperos na saúde, também o seremos espiritualmente (1Jo 3:2).

Assim, as escolhas pessoais afetam nossa saúde física e exercerão impacto à saúde espiritual.

“Se você genuinamente deseja ser cheio de Deus até transbordar, peça e continue pedindo até que isso aconteça”

Portas abertas a Cristo

A última condição encontrada no Novo Testamento para que sejamos capacitados pelo Espírito Santo é permitir que Cristo habite em nosso coração. Se devemos ter Jesus, devemos ter o Espírito. Considerando que o ministério do Espírito Santo é glorificar a Jesus (Jo 16:14), ter o Espírito significa ter a própria imagem de Deus reproduzida em nós. “Do seguinte modo sabemos que Ele permanece em nós: pelo Espírito que nos deu” (1Jo 3:24).

Se não desejamos que Cristo habite em nosso coração, então nada mais a respeito da vida cristã fará nenhum sentido. O que realmente importa em nossa vida é Cristo. É por isso que Ele está ministrando em nosso favor no santuário celestial, e o Espírito ministra a nós aqui na Terra. Caso você perceba que ainda não deseja que Cristo habite em sua vida, mas gostaria que isso mudasse, não se desespere. Deus sempre conhece nossa relutância em aceitá-Lo de todo o coração. Ajoelhe-se e simplesmente peça que Ele lhe dê o desejo de ter Jesus permanentemente em sua vida. Você ainda não viu milagres, até que veja o que Deus pode fazer com esse pedido sincero do coração.

Muitos anos atrás, quando eu ainda pastoreava igrejas na Califórnia, certa mulher apareceu em nossa igre-

ja. Semelhante ao óleo na água, ela instantaneamente repelia as pessoas. Ex-adventista, ela era escrava do cigarro, insensível, tinha um estilo de vida imoral e era possuída pelo demônio. Parecia ter vinte anos mais do que sua idade real. Não tinha amigos e mudava de um lugar para outro, porque ninguém lhe abria portas. Eu era jovem e não soube fazer mais do que ouvi-la e tentar ver se a Palavra de Deus poderia invadir aquela pobre criatura. Eventualmente, me tornei seu único amigo.

Naqueles dias, o Senhor estava realizando um trabalho espiritual muito importante em meu coração e no de minha esposa. Estávamos crescendo no amor a Ele e na experiência de buscar Sua face com muita satisfação. Certo dia, o escritório da igreja recebeu uma ligação daquela irmã, solicitando que o pastor ou outra pessoa da igreja fosse à casa dela. Era urgente! Minha secretária e eu telefonamos para vários líderes procurando alguém que pudesse me acompanhar naquela visita. Eu achava melhor não ir sozinho, mas ninguém estava disponível. Depois de orar, decidi que iria assim mesmo.

O lugar era escuro, havia uma ou duas velas bruxuleantes. Ela me pediu que não acendesse as lâmpadas. Então, soou uma voz: gutural, grave, diabólica, de arrepiar os cabelos. Não era voz humana. Aquela não era minha primeira experiência de enfrentamento de maus espíritos, mas não era menos irritante. Ela falava pouco, enquanto fumava no escuro. Era impossível ver a face dela, pelo que fiquei realmente agradecido. Não sabendo exatamente o que fazer, abri a Palavra de Deus e li algumas passagens das quais ela escarneceu e desdenhou. Fiz perguntas que ela não soube responder. Depois de algum tempo, elevei a Deus uma simples, mas fervorosa oração pedindo que Ele perdoasse os pecados dela, a libertasse do poder do mal, que a graça e a paz do Senhor enchessem seu coração.

A visita terminou sem maiores incidentes, pelo menos até que eu cheguei ao meu automóvel. Tão logo

entrei nele, as comportas se abriram e eu chorei como um bebê, por causa daquele pobre e miserável ser, prisioneira de Satanás, que desejava se libertar, mas não sabia como. Disse ao Senhor que eu desejaria dar minha vida em favor dela. Por mais de trinta anos tinha sido meu privilégio conhecê-Lo, e que Ele tinha sido tão gracioso, bondoso e paciente para comigo, mas o estado daquela mulher era pior do que a morte. Pedi que o Senhor desse àquela mulher a mesma alegria que eu tinha e a inundasse com Seu amor, ainda que isso significasse minha vida.

Exceto por uma vez, quando a vida de nosso bebê Alex foi ameaçada, eu nunca desejei tanto render minha vida em favor de outra pessoa. Você precisa compreender que o egoísmo, o autocentrismo, tinha sido meu deus na maior parte da minha vida. E o amor cristão que eu senti por aquela mulher, naquele dia, não era natural para mim. Era o amor de Cristo operando em mim e através de mim. Paulo nos lembra: “Deus derramou Seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que Ele nos concedeu” (Rm 5:5).

Aquele foi um momento do Espírito. Logo depois desse incidente, ela desapareceu e nunca mais ouvi falar a respeito dela. Mas, talvez um dia, quando estivermos todos perfilados junto ao mar como que de vidro, uma mulher, a quem nós dificilmente reconheceremos, se aproximará de nós e dirá: “Jesus me libertou do pecado e da morte. Por isso, estou aqui.”

Referências:

- ¹ *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, p. 789. William D. Mounce, ed., *Mounce's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006), p. 1081.
- ² Brother Andrew and Suzan DeVore Williams, *And God Changed His Mind* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1990), p. 88, 89.
- ³ Martyn Lloyd-Jones, *Revival* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1987), p. 81.
- ⁴ Neil Nedley and David DeRose, eds., *Proof Positive: How to Reably Combat Disease and Achieve Optimal Health Through Nutrition and Lifestyle* (Admore, OK: Neil Nedley, 1999), p. 1-9.
- ⁵ Ellen G. White, *Review and Herald*, 14/01/1902, p. 12.



Professor da Faculdade de Teologia da Universidade Peruana Unión, Lima, PE

O ancião ontem e hoje

O pastor necessita empregar na formação de copastores tudo o que aprendeu, na teoria e prática

A fim de entendermos a função de copastores, desempenhada pelos anciãos na igreja apostólica, precisamos analisar o livro de Atos dos Apóstolos, bem como as epístolas do apóstolo Paulo. É notória a maneira pela qual Paulo atribui a esse grupo de colaboradores o *status* de copastores locais, considerando que a função que lhes dizia respeito era a de pastorear “a igreja de Deus”, como quem tinha que dar conta dela. Os apóstolos procuravam capacitá-los de tal modo que, quando os deixassem, para ir evangelizar outros lugares, os anciãos pudessem cumprir fielmente o ministério a eles confiado e continuassem levando a igreja a crescer.

Ao compararmos o trabalho dos anciãos da igreja primitiva com o dos anciãos de nossos dias, é possível notar alguma diferença relacionada com o ideal; pois, muitas vezes, a igreja os vê apenas como dirigentes que devem organizar o culto sema-

nalmente, fazer anúncios, ou presidir a comissão na ausência do pastor.

Devemos admitir que a ideia separatista entre clero e leigos, estabelecida pela Igreja Católica Romana, causou grande prejuízo ao cristianismo, que acabou entronizando os primeiros, como superiores, e relegou os segundos a meros espectadores. Diante disso, este artigo analisará a terminologia utilizada por Lucas e Paulo, para designar os anciãos e a funções que estes deviam cumprir dentro e fora da igreja. Também analisará a influência exercida pela liderança deles no crescimento da igreja, especialmente no primeiro século.

No Novo Testamento

A palavra grega traduzida no Novo Testamento como “ancião” é *presbíteroi*. Essa palavra era utilizada para designar pessoas dignas que governavam cidades, julgavam e aconselhavam. Seu aparecimento no Novo

Testamento está relacionado com liderança eclesiástica (At 11:29, 30).

A primeira escolha de anciãos na igreja primitiva foi realizada por Barnabé e Paulo, nas cidades asiáticas de Listra, Icônio e Antioquia (At 14:21, 23). Paulo solicitou a Tito que fizesse o mesmo em Creta (Tt 1:5).

A palavra bispo, do grego *episcopos*, significa supervisor, superintendente. Nesse caso, deviam atuar como copastores (1Pe 5:1, 2), administradores (1Tm 3:4, 5), mestres (1Tm 3:2; 2Tm 2:2), pregadores (1Tm 5:17), guardiões da doutrina (Tt 1:9) e evangelistas (2Tm 4:5). Paulo usou esses termos como sinônimos e colocou os anciãos no mesmo nível dos supervisores ou bispos (Tt 1:5, 7).

De acordo com P. G. Damsteg e Floyd Bresee, o termo “ancião” se referia ao nível do cargo, enquanto “bispo” tinha que ver com seus deveres e responsabilidades. Considerando que os apóstolos se

identificavam como anciãos (1Pe 5:1; 2Jo 1; 3Jo 1), parece que havia anciãos que atendiam as congregações locais e outros que eram itinerantes. Porém, ambos serviam como pastores das congregações.¹ Os dois termos eram usados indistintamente para a mesma função.

Os anciãos desempenhavam as seguintes responsabilidades:

□ Acompanhar os apóstolos na tomada de decisões importantes para a igreja nascente (At 15:2, 4, 6; 16:4).

□ Enviar dirigentes como seus representantes para comunicar decisões tomadas (At 15:22-29).

□ Apascentar e alimentar espiritualmente o rebanho de Deus (At 20:17, 28; 1Pe 5:2).

□ Prestar assistência aos enfermos e fracos (At 20:35).

□ Orientar os membros quanto ao estilo cristão de vida (Tt 2:1-10).

□ Ministrando aos enfermos, unguendo-os com óleo (Tg 5:14).

Como se pode ver, o trabalho do ancião na igreja apostólica era o de um copastor.

A formação

Ao se dirigir aos anciãos da igreja de Éfeso, Paulo reafirmou sua fidelidade ao dever de haver transmitido a eles conselhos práticos e preciosas lições espirituais, durante os três anos em que ali permaneceu (At 20:27, 35). Aliás, o grande apóstolo caracterizava-se pela disposição para discipular, ou seja, formar líderes para as igrejas. Estando em Roma, preso pela segunda vez, Paulo enviou a Timóteo a seguinte instrução: “As palavras que [você] me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2:2).

Imaginemos o que acontecerá se cada pastor, hoje, seguir esse modelo de discipulado para capacitar os anciãos locais. Seguramente, não nos referiremos a somente um pastor, mas a muitos copastores envolvidos diretamente no trabalho de apascentar o rebanho e promover o crescimento da causa de Deus. Nes-

as palavras de Paulo a Timóteo está presente o princípio da multiplicação de líderes. A palavra “confiar”, nesse texto, é tradução do grego *parátu*, que significa “dar”, “repartir”, “encarregar”, “comissionar”.

“Ao pastor, cabe restaurar entre os anciãos o modelo de liderança da igreja apostólica”

O pastor necessita empregar na formação de copastores tudo o que aprendeu, na teoria e na prática. Ao ser interrogado sobre o que faria se tivesse que pastorear um distrito missionário, Billy Graham respondeu: “Escolheria doze homens e lhes daria tudo o que sou.” O exemplo desse modelo é Jesus, que reproduziu Seu ministério nos discípulos.

Alguns podem alegar dificuldade de tempo, porém Moisés também foi um líder sobrecarregado, até que aceitou o conselho de seu sogro, Jetro, para que delegasse atividades (Êx 18:13-27). Ao seguir o exemplo do patriarca, o pastor terá sua carga aliviada e encontrará mais tempo para dedicar à comunhão pessoal e à família, habilitando-se a edificar a igreja como um todo.

Na primeira carta de Pedro (2:25), Jesus é identificado como *episcopos* (bispo ou ancião) e *poimén* (pastor). Essa designação se refere a alguém que cuida e guarda os que lhe são confiados. Os dois termos descrevem o trabalho do pastor.² Nesse caso, Pedro descreveu Jesus como Aquele que Se deu a Si mesmo, ao ponto de entregar a vida em sacrifício pela salvação das pessoas.

Ao fazer tal designação, Pedro traz à memória a função que lhe foi confiada por Cristo: “Apascenta Minhas ovelhas” (Jo 21:15-17). O termo traduzido como apascentar é o grego *poimaine* que, significa “cuidar de um rebanho”; “ser pastor”.³

Assim, o livro de Atos é um fiel testemunho sobre os apóstolos que

seguiram o exemplo de Jesus Cristo, na liderança pastoral e na formação de líderes para a continuidade do trabalho missionário.

Sugestões

□ Organize o Conselho de Anciãos distrital e dedique tempo para formar anciãos.

□ Com a colaboração do secretário ministerial do Campo, realize concílios para capacitação de anciãos. Inclua as esposas deles.

□ Visite a família do ancião, ore com ele, não se esqueça das datas especiais da família. Oriente-o no sentido de que ele seja pastor da própria família.

□ Partilhe com ele as tarefas ministeriais: Santa ceia, dedicação de crianças, presidência da comissão, visitação aos membros, pregação, ensino, tudo em conformidade com os manuais de orientação. Delegue-lhe outras tarefas.

□ Convide o ancião para acompanhar você na visitação pastoral.

□ Reconheça publicamente o trabalho dos anciãos; incentive-os para que cumpram sua missão.

□ Desafie os anciãos a formarem outros anciãos, para que não se rompa a cadeia do discipulado (2Tm 2:2).

□ Lembre-se de que, como pastor distrital, você está de passagem. Quando for transferido, o ancião continuará liderando a igreja. Prepare-o devidamente.

□ Considerando que, para o pastor distrital, é difícil cuidar sozinho de muitas igrejas, é seu dever restaurar entre os anciãos o modelo de liderança da igreja apostólica, preparando-os como bispos e copastores. Isso é possível na medida em que cada pastor seguir o modelo de discipulado que Jesus deixou e foi seguido pelos apóstolos. ■

Referências:

¹ P. G. Damsteegt e Floyd Bresee, *Revista del Anciano*, janeiro-março 2001, p. 7, 8.

² Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), v. 2, p. 608-621.

³ *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 6, p. 388.



Professor na Faculdade Adventista de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

Jesus e o Espírito Santo

São Eles uma única Pessoa, atuando de formas diferentes?

Em nosso empenho de responder ao argumento de que Jesus e o Espírito Santo são uma única Pessoa, conforme a edição anterior desta revista, uma pergunta vem à tona: Acaso existem problemas com os antigos manuscritos bíblicos em relação aos textos que falam do Pai, do Filho e do Espírito Santo?

Não se pode afirmar que os antigos manuscritos bíblicos apresentam evidência contrária à personalidade e pessoalidade do Espírito Santo, embora, com isso, não estejamos dizendo que tais referências sejam totalmente isentas de dificuldades. São duas as passagens disputadas: 1 João 5:7, 8 e Mateus 28:19. No entanto, apenas uma delas é problemática. Como sabemos exatamente onde reside a dificuldade, a igreja adventista, bem como as demais denominações cristãs, tem se eximido de usar esse texto para fundamentar seus ensinamentos sobre a Pessoa do Espírito Santo.

A vírgula joanina

No caso de 1Jo 5:7, 8, ocorre o que se convencionou chamar de “vírgula joanina” ou “parêntese joanino”. Eis o texto: “Pois há três que dão testemunho [no Céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na Terra]: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes em um só propósito.” Nenhum dos manuscritos antigos contém o texto que aparece, aqui, entre colchetes. Então, como explicar que o texto tenha sido incluído nas Escrituras? Trata-se do caso único de um lamentável descuido por parte dos filólogos, os especialistas que estudam os manuscritos antigos.

No início do século 16, surgiu a necessidade de se preparar um texto grego que servisse de base para as traduções da Bíblia para as línguas modernas. Desde a divisão do Império Romano, o Ocidente havia abraçado a assim chamada Vulgata,

tradução latina das Escrituras, fazendo dela a base de sua devoção, enquanto o Oriente continuava a usar o texto grego. Quando o latim caiu em desuso e foi substituído pelas línguas nacionais (inglês, francês, italiano, espanhol e português, entre outras), surgiu a necessidade de se preparar manuscritos gregos e hebraicos (mais próximos do texto original) para que as novas traduções pudessem tê-los como base. Então, não mais sendo falado o idioma grego no Ocidente, foi com certa dificuldade que se juntaram alguns desses manuscritos.

Em 1514, foi preparada uma versão erudita, denominada de Poliglota Complutense, em que as diferentes colunas apresentavam o texto bíblico em hebraico, grego e latim, daí a denominação “poliglota”. Essa versão não conseguiu prestígio e logo foi substituída pelo texto grego do Novo Testamento, preparado por

Desidério Erasmo, também conhecido como Erasmo de Roterdã, distinto estudioso da língua grega. Em pouco tempo, o Novo Testamento de Erasmo vendeu três mil cópias. Isso despertou a insatisfação dos estudiosos que haviam contribuído para a elaboração da Poliglota Complutense, que passaram a criticar supostos defeitos no texto de Erasmo. É verdade que o texto de Erasmo, excessivamente dependente de fontes bizantinas, não tinha a mesma precisão e confiabilidade que têm os textos que atualmente servem de base às traduções. Apesar disso, estava livre de erro quanto à principal crítica que lhe era feita por seus opositores: não continha o assim chamado “parêntese joanino”. Erasmo cedeu às pressões de seus rivais e acabou incluindo, na terceira edição de seu Novo Testamento Grego, um texto que ele sabia não fazer originalmente parte das Escrituras. O texto de Erasmo foi usado na preparação do “texto recebido” que, eventualmente, serviu de base para traduções tão prestigiosas como a versão do rei Tiago, em inglês, e a Bíblia Almeida, em português.

“A natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar”

O texto de 1 João 5:7, 8 não consta dos manuscritos antigos, não é citado pelos pais da Igreja nem por Ellen G. White. Portanto, não deve ser considerado autêntico. Por outro lado, a igreja adventista sempre reconheceu esse fato e, como instituição, jamais procurou usá-lo como base de suas doutrinas fundamentais. De fato, o *Comentário Bíblico Adventista* (v. 7, p. 675) contém a seguinte explicação acerca dessa passagem: “As palavras em questão têm sido amplamente usadas em defesa da doutrina da Trindade, mas em virtude da evidência esmagadora contra

sua autenticidade, elas não devem ser usadas com esse objetivo.” Portanto, pode-se ver que a passagem não contraria a crença adventista na personalidade e pessoalidade do Espírito Santo que foi, inclusive, desenvolvida sem necessitar dela.

A fórmula batismal

Outro texto geralmente apontado como problemático é o de Mateus 28:19: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” O problema surgiu com base em um rodapé da Bíblia de Jerusalém (e outras fontes católicas seculares) que declara: “É possível que essa fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva.” Apesar de críticos descrentes considerarem que o texto não faça parte do original, não há nenhuma evidência nos manuscritos antigos que confirme tal suposição.

Existem aproximadamente cinco mil manuscritos do Novo Testamento, de reconhecida antiguidade. Todos eles contêm o texto em questão. Dos autores antigos, Homero, Virgílio e Plutarco são aqueles dos quais temos mais manuscritos antigos: cem de cada um. Além disso, o mais antigo dos manuscritos clássicos é aquele pertencente a Homero e que, além de incompleto, data do século 4 a.C., portanto quinhentos anos depois do período de escritura do texto original. A lacuna temporal que separa o mais antigo manuscrito do Novo Testamento do período de sua escritura é de aproximadamente cem anos. Com exceção do Novo Testamento e da Septuaginta, não há nenhum manuscrito completo, em grego ou latim, anterior ao século 6 a.D. Tudo isso mostra que a crítica textual do Novo Testamento é a mais confiável de todas.

O Códice Sinaítico, geralmente citado como o melhor e mais confiável manuscrito do Novo Testamento, foi encontrado, em 1844, por Tischendorf. Trata-se de um manuscrito

completo pertencente ao século 4 a.D. e, como era de se esperar, contém Mateus 28:19. Ellen G. White citou esse verso inteiro cinquenta vezes e jamais levantou qualquer dúvida quanto à sua autenticidade. Ela esclarece: “O Consolador que Cristo prometeu enviar depois de subir aos Céus é o Espírito Santo em toda a plenitude da Divindade, que torna manifesto o poder da graça divina para todos os que recebem e creem em Cristo como Salvador pessoal. Há três pessoas vivas no trio celestial. No nome desses três poderes, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, os que recebem a Cristo pela fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver uma vida nova em Cristo” (*Bible Training School*, 01/03/1906).

Apesar dessa inspirada validação do batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, alguns dissidentes afirmam que ser mencionado na fórmula de batismo não é garantia de igualdade. Na tentativa de comprovar essa suposição, mencionam o texto de 1 Timóteo 5:21, que diz: “Eu o exorto solenemente, diante de Deus, de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, a que procure observar essas instruções, sem parcialidade; e não faça nada por favoritismo.” Argumentam que, ao escrever a Timóteo, Paulo fez referências consecutivas ao Pai, ao Filho e aos anjos e que, nem por isso, essas pessoas podem ser consideradas em pé de igualdade.

Porém, é preciso lembrar que os dois textos têm *status* diferenciados. No caso da grande comissão de Mateus 28:19, temos uma fórmula litúrgica recomendada pelo próprio Cristo. No caso do conselho de Paulo a Timóteo, temos apenas uma recomendação pastoral. A fórmula do batismo tem sido repetida ao longo dos séculos toda vez que uma pessoa é batizada, reconhecendo a autoridade conjunta do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O conselho de Paulo tem aplicação principalmente local ou em outros casos esporádicos, sem reclamar a

autoridade da Divindade para seu cumprimento. Além disso, a autoridade das três Pessoas da Divindade é reiterada em outras fórmulas litúrgicas como, por exemplo, na assim chamada bênção apostólica: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês” (2Co 13:14). Como se percebe, a referência triúna ao Pai, Filho e Espírito Santo ocorre, no Novo Testamento, em um contexto claramente autoritativo, razão por que versos assim acabaram incorporados à liturgia.

Apesar dessas explicações, os dissidentes recorrem a outro artifício. Explicam que, como não está escrito “comunhão com o Espírito Santo”, mas “comunhão do Espírito Santo”, o Espírito Santo não pode ser uma Pessoa. Porém, isso não é verdade nem no idioma grego nem no português. O grego poderia ser perfeitamente traduzido como “a comunhão que o Espírito Santo tem conosco” (genitivo subjetivo), em vez de “a comunhão que temos com o Espírito Santo” (genitivo objetivo). Isso é possível toda vez que o genitivo (no caso, “do Espírito Santo”) é usado com referência a um substantivo abstrato (no caso, “comunhão”).

Esse não é um fenômeno peculiar à língua grega, e ocorre também na portuguesa. Por exemplo, a expressão “amor de mãe”, em português, tanto pode significar “amor que se tem pela mãe” como “amor que a mãe tem pelo filho”. Como a palavra “amor” é um substantivo abstrato, o genitivo que o segue (“de mãe”) pode ser interpretado tanto como adjunto adnominal (“amor que a mãe tem”) quanto como complemento nominal (“amor que se tem pela mãe”). Porém, o mesmo não ocorre com a expressão “a invenção da imprensa”. Embora “invenção” seja um substantivo abstrato, só se pode pensar que a imprensa foi inventada e não que inventou alguém. Nesse caso, a ambiguidade se desfaz porque o genitivo só tem valor de paciente, devendo por isso, ser interpretado como com-

plemento nominal. No entanto, no caso de “a comunhão do Espírito”, não há nenhuma razão linguística nem teológica para que optemos por uma leitura unilateral que somente contemple o aspecto paciente do relacionamento, sem considerar a agência do Espírito Santo.

A referência triúna às Pessoas da Divindade é um fenômeno teologicamente conhecido como “relacionamento coordenado”, conforme explica Wayne Grudem em seu livro *Systematic Theology*. Outro exemplo desse fenômeno, além dos que foram estudados até aqui, inclui 1 Pedro 1:2: “Escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do Seu sangue: graça e paz lhes sejam multiplicadas.” Além de ser linguística e teologicamente comprovada, a personalidade do Espírito Santo é amplamente defendida por Ellen G. White: “Precisamos reconhecer que o Espírito Santo... é tanto uma pessoa como o próprio Deus” (*A Fé Pela Qual Eu Vivo*, p. 52).

Mistério a ser desvendado

Ultimamente, temos testemunhado uma crescente resistência à doutrina histórica da personalidade e pessoalidade do Espírito Santo. Pode-se sugerir que esse ponto de discordância constitui uma das evidências de que nos aproximamos vertiginosamente da consumação dos séculos. As Escrituras profetizaram que haveria, na época final da história humana, uma drástica subversão da verdade. O tempo do fim começou com a morte de Jesus, passou pelo ensinamento da “morte de Deus” e se estende, agora, com dedos longos e penetrantes à negação da existência do Espírito Santo. Por que é tão importante que nos mantenhamos fiéis à nossa compreensão histórica da doutrina da Divindade? Ellen G. White esclarece que “ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa atuação da terceira pessoa da Trindade, a qual

viria, não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder” (*Ibid.*). Há interesses perversos em que seja negado aos crentes o acesso ao poder que pode capacitá-los a viver vitoriosamente.

A tomada de posição firme contra o manuseio das Escrituras com o propósito de deturpar os ensinamentos que nos prepararão para a vitória final é descrita por Ellen G. White como sendo um grande teste em que todos nós teremos que ser aprovados. Segundo ela, “Deus está pondo à prova a fidelidade de Seu povo, para ver que uso fará da preciosa bênção que lhe confiou. Essa bênção veio de nosso Intercessor e Advogado nas cortes do Céu; mas Satanás estava pronto para entrar em qualquer avenida que lhe abrissemos, para que pudesse transformar a luz e a bênção em trevas e maldição. Como pode a bênção se transformar em maldição? Persuadindo o agente humano a não cuidar da luz, ou a não revelar ao mundo que ela tem poder para transformar o caráter. Cheio do Espírito, o agente humano deve se consagrar a Ele para cooperar com os agentes divinos” (*Review and Herald*, 06/02/1894).

Não podemos nos vangloriar de que tenhamos uma compreensão completa da natureza e do papel do Espírito Santo, mas temos informações suficientes nas Escrituras, para podermos declarar, confiantemente, que Ele é o Amigo que pode nos conduzir, durante os momentos de crise, a um entendimento mais adequado das Escrituras. Rejeitar esse tipo de ajuda nos predispõe ao fracasso e ao erro. “A natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não a revelou a eles. Com fantasiosos pontos de vista, podem-se reunir passagens da Escritura e dar-lhes um significado humano; mas a aceitação desses pontos de vista não fortalecerá a igreja. Com relação a tais mistérios – demasiadamente profundos para o entendimento humano – o silêncio é ouro” (*A Fé Pela Qual Eu Vivo*, p. 54). ■



Professor no Seminário Teológico da Universidade Adventista do Sul, Estados Unidos

Por que Deus é tão incompreendido?

Autor analisa dados bíblicos que documentam o que está por trás das cenas da história humana

Uma das grandes tragédias da história humana centraliza-se em quão poucas pessoas conhecem Deus. Na verdade, as pessoas frequentemente O compreendem mal e tomam Seu nome em vão. Desastres naturais e infortúnios são creditados como “atos de Deus”. Tomar o nome de Deus em vão se tornou rotina. As pessoas difamam Deus a todo momento.

Mesmo nas igrejas cristãs, na pregação cristã e na maneira de interpretar a Escritura, muitos ainda compreendem mal a Deus. Acaso, Ele escolhe apenas alguns para ser salvos e descarta os demais? Permitiria Ele que outros nascessem perdidos e assim permanecessem? Concederia graça somente aos eleitos e abandonaria o restante?

Este artigo analisa por que Deus é tão incompreendido. Seu ponto de partida focaliza a cosmovisão bíblica que afirma a incompreensão em relação a Deus, começando com o questionamento do caráter divino

por Satanás, que liderou a rebelião no Céu (Ap 12:7-10). Essa controvérsia cósmica permanece no fundamento dos ataques satânicos contra o caráter e os motivos de Deus. Desde que Satanás enganou Adão e Eva, ele tem desenvolvido uma batalha contra Deus na Terra. Devemos investigar a Bíblia, de modo que possamos ter uma correta compreensão de Deus e dos enganos satânicos.

Conflito cósmico

A cosmovisão fundamentada no conflito entre Deus e Satanás continua sendo central para a teologia adventista.¹ Isaías 14 e Ezequiel 28 provêm um resumo dessa controvérsia e o modo pelo qual Satanás continua com seu propósito maligno contra Deus. Muitos eruditos interpretam Isaías 14 e Ezequiel 28 como se referindo a reis locais de Babilônia e Tiro, respectivamente. Entre esses eruditos estão Martinho Lutero² e João Calvino.³ John Oswalt nota que “os grandes expositores da Reforma

foram unânimes em argumentar contra a ideia de que esses capítulos se refiram a Satanás”.⁴

Entretanto, muitos pensadores na história da igreja compreenderam o significado desses capítulos. Entre esses estão Orígenes (185-254), Peter Lombard (1100-1160), Tomás de Aquino (1225-1274) e João Wyclife (1328-1384). Teólogos, como Jerônimo (340-420) e Agostinho (354-430), viam em Isaías 14 uma cosmovisão ampla. Muitos pais da Igreja, de Agostinho a Gregório o Grande (590-604), acreditavam que Isaías 14 se refere a Satanás.⁵

Eruditos contemporâneos, como Gregory Boyd e William Dembski,⁶ também captaram o profundo significado de Isaías 14 e Ezequiel 28. Boyd acredita que “a batalha cósmica constitui um dos fios centrais que ajunta todo o tapete da narrativa escriturística”.⁷

Isaías 14 e Ezequiel 28 incluem dados que transcendem aplicações locais. Por exemplo, o rei de Babilô-

nina nunca foi ao Céu (Is 14:12), nem o rei de Tiro morou no Éden nem apareceu como querubim de guarda do trono celestial (Ez 28:13, 14). Nas duas passagens, os reis foram expulsos do Céu por causa do orgulho (Is 14:12, 15; Ez 28:16, 17). Do rei de Tiro é dito ter sido perfeito até que o pecado foi encontrado nele (Ez 28:15), o que não pode ser dito de nenhum ser humano desde a queda do homem (Rm 5:16-18).

O fato de que Lúcifer tenha sido querubim cobridor no trono divino indica a privilegiada posição que ele recebeu de Deus. Sabendo de sua queda futura, Deus lhe deu oportunidade para se convencer de que aquela rebelião era irrazoável. O fato de que tenha sido criado perfeito, embora tenha se tornado orgulhoso, indica que Deus não criou o mal. Lúcifer fez sua escolha. Caiu por causa de uma distorcida visão, produto de sua imaginação, a respeito de Deus. Ele se tornou a fonte de toda distorção a respeito de Deus; Cristo o chamou de “pai da mentira” (Jo 8:44).

Em Isaías 14, Satanás disse: “Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia, no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo” (v. 13, 14). Ele quis usurpar o lugar de Deus. A palavra diabo (do grego *diabolós*) significa “acusar, produzir acusação com intenção hostil”; e a palavra Satanás (do grego *Satanas*) significa “adversário” ou “caluniador”. O “amplo comércio” de Ezequiel 28 é *rekullah*, palavra hebraica que, neste contexto, provavelmente signifique “difamar” (mexerica sobre Deus).⁸ Isso abre o esquema de Satanás para distorcer a verdade a respeito de Deus. O orgulho o levou a ter mais elevada opinião acerca de si mesmo e a mais baixa opinião sobre Deus.

Estratégia satânica

De acordo com a Escritura, Satanás conquistou anjos para seu lado (Ap 12:4; Jd 6). Isso ele fez distor-

cendo a verdade a respeito de Deus. Como podemos saber, e de que modo ele agiu? Como poderia Satanás minar a bondade de Deus quando os anjos nada tinham conhecido além de Sua bondade? Acaso, insinuou o inimigo que Deus os estava impedindo de desenvolver todo o seu potencial? Teria sido essa sua abordagem?

“Desde que introduziu o pecado no mundo Satanás não tem feito outra coisa senão levar pessoas a desconfiar de Deus”

Pela Escritura, sabemos que ele “estava no Éden, no jardim de Deus” (Ez 28:13); que foi “a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo” (Ap 12:9). Sabemos que o inimigo usou a serpente como médium, para tentar Eva.

No Éden, a serpente perguntou a Eva: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’” (Gn 3:1). Aqui está presente o elemento surpresa: “Você acha que não pode comer de qualquer fruto?” Nessa está implícita outra pergunta: “Por que Ele criou este fruto, se você não pode comer dele?” Satanás sabia que isso suscitaria uma resposta, e Eva respondeu: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’” (v. 3).

Deus havia dito que, se comessem do fruto proibido, certamente morreriam (Gn 2:17). Mas, o inimigo contradisse as palavras de Deus: “Certamente não morrerão!” (v. 4). Satanás deve ter dito isso de tal maneira que Eva não compreendeu que ele estava duvidando de Deus. Sabemos que ela não questionou a serpente; em vez disso, começou a ponderar sobre a reivindicação contrária que lhe tinha sido apresentada. O Criador tinha dado a ela

vida, um esposo, um jardim com luxuriantes árvores frutíferas, flores e muito mais, com liberdade para comungar com Ele. Satanás nada lhe tinha dado, exceto uma reivindicação contrária à do Criador. Por que Eva desconfiou dAquele que lhe tinha dado tudo, e confiou naquele que nada lhe tinha dado?

Disse a serpente: “Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5). Precipitada bobagem! Eva foi vulnerável à isca: “Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também” (v. 6). De que modo ela percebeu que a sabedoria poderia vir do comer do fruto? Bem, ela viu a serpente falar. Se o fruto dava sabedoria para que uma serpente falasse em linguagem humana, como ser humano, ela poderia se tornar Deus.

A ideia de “ver para crer” fisgou Eva. Ela pensou que tinha evidência de que a serpente era mais confiável que Deus. A ladeira escorregadiça de Eva começou quando ela duvidou das palavras de Deus, e isso a levou à desobediência. Ela devia ter confiado no que Deus tinha dito, pois a fé nEle habilita qualquer pessoa a superar os enganos satânicos. Conquistar anjos para uma rebelião no Céu, e seres humanos para uma rebelião em um mundo perfeito requeria um trabalho de distorção da verdade sobre Deus. O inimigo obteve sucesso nos dois casos: destruiu a confiança em Deus e, como deu certo no Céu, usou a mesma abordagem na Terra.

Enganos de hoje

Desde então, Satanás tem usado a mesma abordagem para todos os seres humanos. Aqueles que nos ouvem pregar são tão vulneráveis quanto Eva, caso seu foco seja “ver para crer”, em vez de “crer na Palavra de Deus, para ver” e perceber

as falsificações de Satanás. Duvidar da Palavra escrita de Deus hoje não é diferente de ter duvidado da Palavra falada no Éden. As primeiras palavras de Satanás na Terra foram questionando as palavras de Deus. Desde então, ele não tem feito outra coisa, chegando até a levar cristãos a desconfiar de Deus.

Por exemplo, Gênesis 1 nos informa que Deus criou o mundo e tudo o que nele há em seis dias. O autor de Hebreus confirma o relato da criação: “Pela fé entendemos que o Universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é visível” (Hb 11:3). Sendo a Bíblia tão clara, como podem alguns cristãos aceitar a evolução, sugerindo que Deus a tivesse usado como método para criar novas formas de vida?

A evolução, seja ela teísta ou de qualquer outra forma, permanece como obra-prima dos enganos do inimigo. Isso porque a evolução teísta ensina que Deus optou por usar bilhões de anos em um processo evolutivo, envolvendo morte, mutação e desenvolvimento, para produzir seres humanos, quando Ele podia ter feito isso instantaneamente. Acaso seria realmente um Deus de amor?

Se a sobrevivência do mais forte fosse o meio escolhido por Deus para criar seres humanos, como sugerem os evolucionistas teístas, por que Ele impediria uma pessoa de operar a própria salvação? Se os seres humanos surgiram por acaso, como resultado de um acidente evolutivo, que propósito existe na vida humana? Se a criação dos seres humanos não foi um ato pessoal do amor de Deus, o resultado é trágico: o naturalismo substitui o sobrenaturalismo; uma contrafação substitui o Criador. Tais consequências são compatíveis com Satanás, pois ele deseja substituir Deus, embora não possa criar uma folha.

Além disso, a evolução reivindica ter evidência para sua autenticidade. Essa evidência questiona o relatório bíblico da criação e as palavras de Deus, justamente como Satanás fez no Éden. Ele está no comando das

iniciativas para distorcer a Palavra de Deus, levando muitos cristãos à incompreensão do caráter divino, e enganando-os.

Autorrevelação de Deus

A única maneira pela qual podemos discernir as distorções diabólicas a respeito de Deus é permitir que a autorrevelação divina, conforme apresentada nas Escrituras, encha nosso coração e mente com o amor de Deus. Isso acontece quando estudamos Sua Palavra e a expomos com todo o poder do Espírito. Alguns teólogos creem que o amor de Deus é um atributo ligado a outros. Não é assim. Deus é amor e todos os outros atributos são qualificados por Seu amor. Esse Deus de amor precisa ser colocado continuamente diante da congregação. Mas, como isso pode ser feito, quando as pessoas atacam continuamente as Escrituras? Mesmo nos seminários, professores questionam a Palavra de Deus, ecoando o que Satanás fez no Éden. Muitos já não consideram a Escritura como autorrevelação de Deus. Em vez disso, a revelação é vista como tendo lugar entre Deus e os escritores bíblicos. A Escritura é considerada plena de respostas humanas à revelação, em vez de ser a autorrevelação divina. Essa visão torna a Bíblia um livro apenas humano, não divino-humano. Quando esse naturalismo substitui o sobrenaturalismo como fonte das Escrituras, somos privados da mais potente arma para enfrentar os enganos satânicos.

Consideremos ainda o ensino bíblico sobre a salvação. Muitos cristãos hoje creem na graça e minimizam a importância da lei. Argumentam que somos salvos pela graça e não necessitamos da lei. Evidentemente, esse argumento é enganoso. A Bíblia diz que pecado é transgressão da lei (1Jo 3:4). Se a lei fosse descartada, não haveria definição de pecado, conseqüentemente, a salvação seria desnecessária, assim como a graça. O amor de Deus é manifestado em Sua lei tanto quanto na graça. A lei, como Deus a entende,

protege em vez de restringir as pessoas. Satanás se opõe à lei de Deus porque ele se opõe ao governo de Deus, que tem como base Sua lei.

Nossa responsabilidade

Assim, valendo-se de todos os meios possíveis, o inimigo tenta representar mal a Deus e afastar dEle as pessoas. Como pastores e pregadores, nossa responsabilidade inclui testemunhar com o poder do Espírito Santo, mostrando quem é Deus e como Ele é, no contexto do grande conflito.

Nossa pregação deve exaltar o Deus criador, o doador da Palavra e o Deus que tanto nos ama, ao ponto de nos haver dado Seu Filho, Jesus, para ser nosso Salvador. Nossa pregação continua como a sagrada oportunidade que temos para contragolpear as falsas representações que o inimigo faz de Deus. Pregue a Palavra de Deus. As mais profundas necessidades de sua igreja são satisfeitas através da pregação fundamentada na Bíblia, centralizada em Cristo e no Calvário.

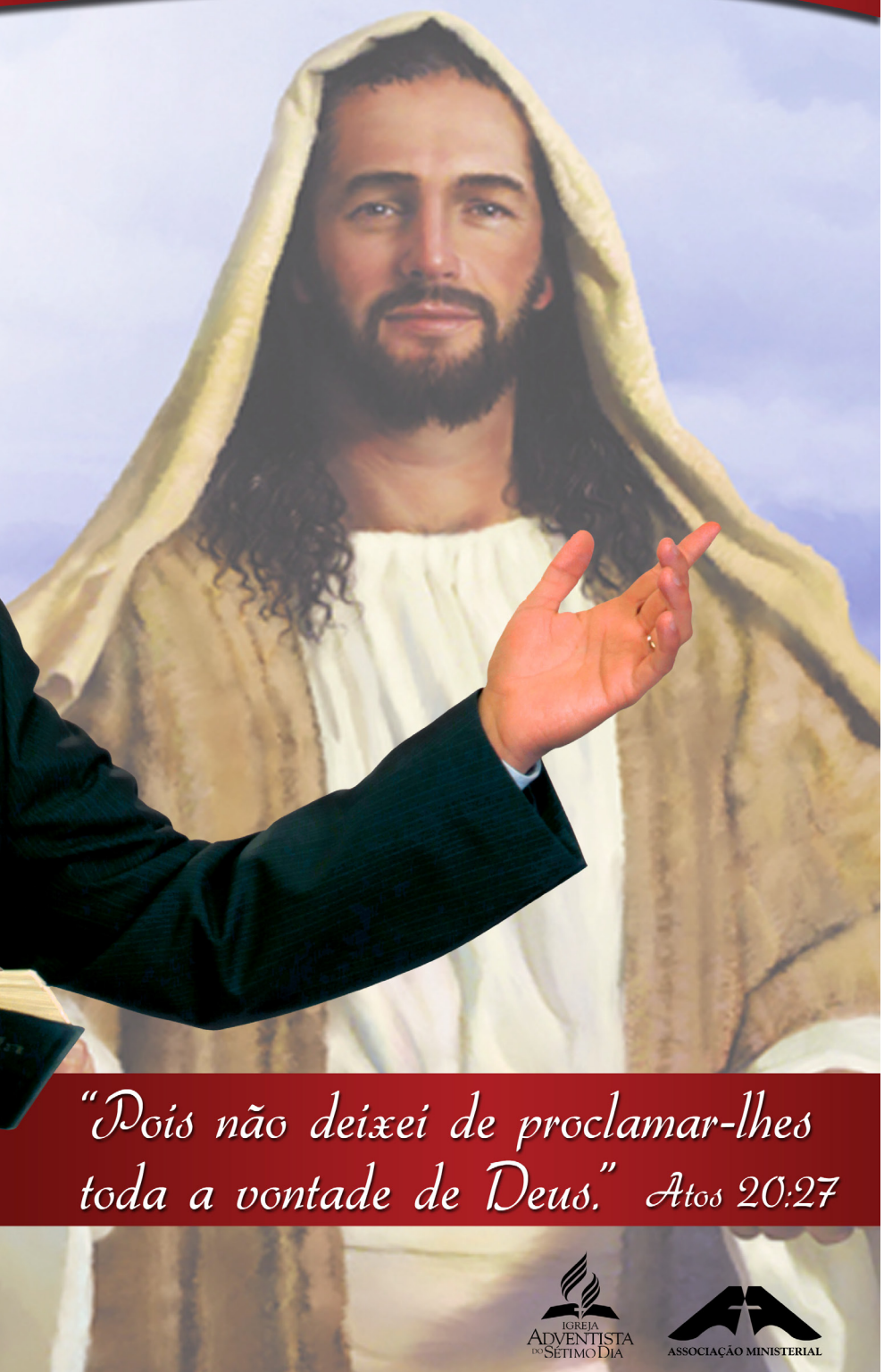
Permita que Deus Se revele através do que você prega. Isso confirma sua sagrada vocação. Somente uma revelação de Deus pode superar as distorções a respeito dEle. Todo sermão necessita declarar o extraordinário amor de Deus (Êx 34:6; Jr 9:23, 24; 1Jo 4:8-16). ❧

Referências:

- ¹ Crença Fundamental nº 8, *Nisto Cremos*, p. 142.
- ² *Luther's Works* (S. Louis, MO: Concórdia), v. 16, p. 140, 141.
- ³ *Calvin's Commentaries* (Grand Rapids, MI: Baker, 1989), 7/1, p. 442-444.
- ⁴ John N. Oswalt, *The New International Commentary on the OT: The Book of Isaiah: Chapters 1-39* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), p. 320.
- ⁵ José M. Bertolucci, “The Son of the Morning and the Guardian Church in the Context of the Controversy between Good and Evil” (Dissertação de doutorado, Universidade Andrews, 1985), p. 4-8.
- ⁶ Gregory A. Boyd, *God at War: The Bible and Spiritual Conflict* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1997), p. 157-161; William A. Dembski, *The End of Christianity: Finding a Good God in an Evil World* (Nashville, TN: B&H Publishing Co., 2009), p. 134.
- ⁷ Gregory A. Boyd, p. 24, 25.
- ⁸ Richard M. Davidson, *Journal of the Adventist Theological Society* 11 (2000), nº 1:2, p. 108.

Dia do *Ancião*

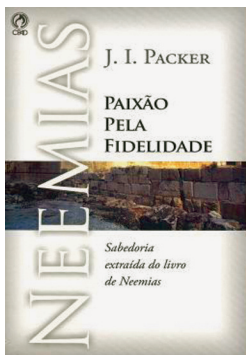
30 de junho



“Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus.” Atos 20:27

PAIXÃO PELA FIDELIDADE

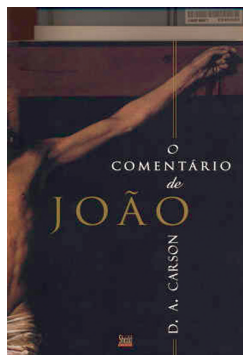
J. I. Packer, Casa Publicadora das Assembleias de Deus, Caixa Postal 331, Rio de Janeiro, RJ, 238 páginas.



Neemias foi um dos maiores líderes da Bíblia. Homem de oração, sábio, dedicado e zeloso, chamou para si a responsabilidade de reconstruir a Jerusalém antiga. Com isso, ajudou a estabelecer o padrão para a liderança piedosa. Seu livro assemelha-se às memórias de um líder pastoral ou de um grande estadista. É o relato vivo de uma renovação espiritual em primeira pessoa, mas também é um testemunho do envolvimento de Deus com o homem.

O COMENTÁRIO DE JOÃO

D. A. Carson, Shedd Publicações Ltda., São Paulo, SP, tel.: (11) 5521-1924, sheddpublicacoes@uol.com.br, 686 páginas.



Este comentário busca explicar o texto do evangelho de João para todos aqueles que têm o privilégio de expor a Palavra de Deus bem como ministrar estudos bíblicos. Além de apresentar as informações de que essas pessoas necessitam, o comentário possibilita a todos os estudantes da Bíblia a oportunidade de estudá-lo como recurso para comunhão pessoal, edificação, inspiração e crescimento espiritual.

36 ARGUMENTOS PARA A EXISTÊNCIA DE DEUS

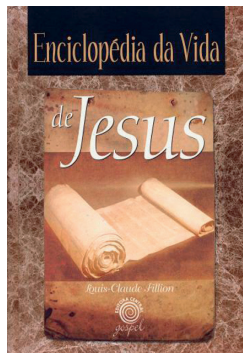
Rebeca Newsberger Goldstein, Editora Companhia das Letras, São Paulo, SP, tel.: (11) 3707-3500, www.companhiadasletras.com.br, 532 páginas.



Combinando afinado senso de humor, conhecimento de filosofia e ciências, a autora envolve o leitor no inevitável debate dos tempos atuais: o confronto entre religião e ciência, fé e razão.

ENCICLOPÉDIA DA VIDA DE JESUS

Louis-Claude Fillion, Editora Central Gospel, Taquara, Rio de Janeiro, RJ, tel.: 2187-7000, www.editoragospel.com, 1001 páginas.



Esta enciclopédia reúne todas as informações essenciais sobre Jesus Cristo e Sua pátria terrestre. Todas as fases de Seu ministério foram cuidadosamente estudadas pelo autor, ao longo de 20 anos de pesquisa na Palestina e demais países relacionados à narrativa bíblica. Além de informação, o trabalho foi enriquecido com mais de 600 fotos elucidativas. Excelente fonte de consulta, pesquisa e inspiração.

Superbom
A sua saúde é sagrada!®

NOVO SLOGAN E A MESMA MISSÃO



*O que te faz mais feliz do que
estar em plena saúde física e mental?*

Há mais de 8 décadas a Superbom se mantém ativa na preocupação em atender a sociedade com produtos de extrema qualidade, acreditando que a excelência do seu trabalho se reflete na satisfação e na realização direta do bem-estar de seus consumidores.

Em sua história, o primeiro slogan “a marca que permanece pura” perdeu

por algumas décadas e foi seguido por “qualidade de vida é Superbom” também refletindo os princípios adotados pela empresa que, por sua vez, aperfeiçoou ainda mais algumas de suas linhas de fabricação, e se dispôs a ampliar seu portfólio de produtos e marcas, confirmando a preocupação de que a saúde e o bem-estar de cada ser humano são os bens mais preciosos de nossa sociedade.

Este ano a Superbom reafirmou seu compromisso de produzir o que há de melhor para a sociedade e empregou o novo slogan “A sua saúde é sagrada”.

Superbom, uma empresa 100% brasileira, 100% pró-saúde e que há quase 100 anos vem fazendo muito mais pelo bem-estar da sua família, porque a sua saúde é sagrada.



Carlos Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

Resgatado das chamas

Não será fácil esquecer aquela manhã. O edifício do Banco do Estado estava em chamas. Todos corriam e as motivações eram muito diferentes: O arquiteto que desenhou o edifício estava mais interessado em observar como sua obra de arte estava sendo consumida pelas chamas. Os clientes estavam ansiosos, preocupados, ao ver as economias sendo consumidas. Os empregados do Banco pensavam no futuro profissional. Os jornalistas viam a oportunidade para preencher com um fato alarmante os espaços vazios do noticiário.

Porém, entre todos os que ali estavam ninguém tinha maior interesse do que aquela mãe que não conseguia encontrar o filho que estava no Banco no momento da explosão. Embora a tivessem tentado impedir, desafiando as chamas ela insistiu, entrou e resgatou o amado filho.

Nosso mundo também está em chamas. Todos nós temos algum grau de interesse nele. As motivações de todos os que observamos esse incêndio também são muito diferentes. Como pastores, ainda que estejamos inquietos porque o planeta arde em chamas, podemos ter motivações diferentes para anunciar o evangelho. A própria Bíblia diz que alguns pregam por inveja, outros o fazem por rivalidade (Fp 1:15). Não será o caso de pararmos a fim de refletir sobre nossa motivação para pregar? Desejamos promoção? Manter a credencial? Acaso, somos motivados pelo pensamento de que, ao terminarmos a tarefa de pregar, Cristo voltará e então seremos felizes para sempre?

Espero que não me entendam mal. Evidentemente, não é errado pregar porque desejamos ver o fim do mal, do pecado, da dor e da morte; porque desejamos que Jesus volte possibilitando-nos, entre outras coisas, o feliz

encontro com nossos queridos que dormem na sepultura. Existem bons motivos para pregar, mas não devemos perder de vista o que Jesus nos disse: “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24:14).

Qual é o evangelho do Reino ou evangelho eterno? Acaso, não é o evangelho do amor? Deus é amor. Tanto amou o mundo que deu Seu Filho. A mãe mencionada no relato, no início desta reflexão, não estava preocupada com a caderneta de poupança, o edifício, as notícias nem manutenção do emprego. A motivação dela era o amor pelo filho que iria morrer queimado.

Será que nossa motivação para pregar o evangelho do amor é saber que, se não o fizermos com poder e urgência, haverá muitos que serão queimados? É nosso verdadeiro motivo o amor ao próximo, que nos leva a desejar ardentemente estar com eles no Céu, junto a Jesus? É doloroso pensar que,

se não cumprirmos nossa parte, muitos irão se perder! Diante disso, como podemos continuar indiferentes?

Por ocasião das guerras tribais entre Utus e Tutsis, em Ruanda, a aldeia foi atacada por inimigos. Entre os muitos que morreram, estavam os pais de um garoto de oito anos, que então fugia tentando salvar a vida, carregando nos ombros o irmãozinho de quatro anos. Alguém que o viu correndo com dificuldade, por causa do peso que levava, compadecendo-se dele, comentou: “Ele é muito pesado, não é mesmo?” O garoto respondeu: “Não, ele é meu irmãozinho!”

Será possível pregar o evangelho do Reino, o evangelho do amor, sem nos preocuparmos com nossos irmãos prestes a perecer? Estamos nós motivados a “carregar” nossos irmãozinhos, pregando por amor a eles o evangelho do amor? ■

“Qual é a grande motivação que nos impele a pregar o evangelho?”



30ª edição
15 anos

casã
online
INVERNO

A temperatura pode diminuir,
mas os **produtos CASA**
vão aquecer o inverno.

Carlos Souza / Imagem: Fotolia

23 e 24 de
Junho

Descontos
lançamentos
brindes

www.cpb.com.br/facebook

0800-9790606

Sábado, das 19h às 24h / Domingo, das 8h às 24h (horário de Brasília)